

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

GESTALT-TERAPIA

- herança em re-vista -

PATRICIA WALLERSTEIN GOMES

ORIENTADORAS: PROF^a DR^a HENRIETTE MORATO

PROF^a DR^a MARÍGIA VIANA

UNICAP – RECIFE

2001

PATRICIA WALLERSTEIN GOMES

GESTALT-TERAPIA

- *herança em re-vista* -

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação das Professoras Doutoras Henriette Morato e Marígia Viana.

RECIFE, FEVEREIRO, 2001

APROVADO PELA BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria Consuelo Passos

Profª Drª Ana Lúcia Francisco

ORIENTADORAS

Profª Drª Henriette T. Penha Morato

Profª Drª Marília Ana de Moura Viana

A Gustavo Adolfo Gomes,

Companheiro de viagens
e de sedentarismo...

AGRADECIMENTOS

Desde há muito interesse-me por palavras e seus significados, constatando algumas divergências existentes entre alguns nomes e o que representam, por vezes chegando a verdadeiras **contra-dições**. As expressões “pois sim” e “pois não” são um exemplo nítido da minha afirmativa, a primeira significando “não”, sendo a segunda traduzida por “sim”.

A palavra “obrigado”, pode ter significados bastante diversos, podendo significar tanto “grato” quanto “imposto” ou “compelido”. Uma terceira tradução é, segundo Ferreira (1986:1210), “necessário ou indispensável”. E é com este sentido que quero me referir às pessoas abaixo, igualmente autoras deste trabalho.

À Universidade Católica de Pernambuco, na pessoa do Magnífico Reitor, por me proporcionar este Mestrado;

A Henriette Morato, pela orientação deste trabalho e pela permissão e estímulo para ousar;

A Marígia Viana, pela orientação e pelo contraponto tão necessário e salutar;

A Consuelo Passos, pelo seu jeito habilidoso e preciso de criticar e pela presença constante de sua disponibilidade e de sua generosidade;

A Ana Lúcia Francisco, pelas críticas e crédito conferidos a este trabalho;

A Luiz Alfredo Lilienthal, por haver sido o elo que me levou aos entrevistados, pela entrevista concedida que me fez aprender muito e pelo apoio nesta fase do trabalho;

A Lilian Frazão e Myriam Hoffmann, pela confiança e pelos ensinamentos transmitidos nos seus depoimentos;

A Abel Guedes e Ana Loffredo, pela participação e colaboração na fase das entrevistas;

Aos coordenadores, professores, funcionários e alunos deste Mestrado que com tanto trabalho fizeram-no acontecer;

Aos meus colegas de turma, pelos momentos de vibração e frustração que, juntos, vivenciamos, praticando de forma respeitosa e humana o acolhimento às diferenças;

A Vera Oliveira, pela compreensão e apoio, e a todo o grupo da Clínica Manoel de Freitas Limeira, pela companhia próxima e afetiva;

A Vânia Ferreira, Lucy Galindo e Maria Ayres, pela força e bons fluidos;

Aos integrantes do Departamento de Psicologia da Unicap, pelo apoio e torcida;

Aos meus estagiários e alunos, em especial às turmas que estiveram junto comigo nestes dois últimos anos, pelo estímulo e interlocuções;

Aos meus clientes. Agora, certamente, nosso trabalho será mais completo;

A Luiza, pela competência e paciência;

A Gustavo que, com seu jeito manso e silencioso, é firme parceiro na construção de uma bela **herança** de amor, solidariedade e justiça, destinada a nossos **filhos**;

Aos meus **herdeiros**, Daniel, Caio e Germano. A Dan, meu primogênito, agradeço por haver me despertado para a importância da **herança** e do **herdar** e

que tão cedo começa a entender o que é importante se deixar como legado. A Caco e Maninho, por poderem continuar sendo felizes e autênticos, apesar da minha enorme ausência numa fase fundamental das suas vidinhas;

A Gert, Nadege, Carlinhos e Dudu, os Wallerstein, pelo esteio da família primeira;

A Úrsula, Bia e André, outra parte dos Wallerstein, pela acolhida amorosa na ida a São Paulo para coletar os dados que deram forma a este trabalho;

Aos Lins, em especial à minha amada avó, que certamente não entenderia o valor de um Mestrado, mas teria vibrado pela minha conquista;

Aos Gomes, em especial a Gilda e Alexandre, por haverem facilitado a aquisição de um espaço confortável, indispensável à criação;

A Iaraci Advíncula, pelas conversas apressadas, nas caronas e intervalos, onde importantes idéias eram geradas;

A Carol Dubeux, pelo exemplo de coragem e firmeza na apresentação de uma idéia;

A Diana Belém, pelo olhar criterioso e cuidadoso sempre que solicitado;

A Fabiana Nascimento, pelo carinho e disponibilidade;

A Ângela e a Bel, que por dois anos, enquanto eu cumpria a missão de concluir este trabalho, cuidaram tão bem dos meus **herdeiros**;

E a todas as pessoas que, em algum momento, partilharam comigo a vida, pelas trocas que realizamos, pois, como diz o poeta *“toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de outras tantas pessoas”*.

RESUMO

Este trabalho investiga e discute as possíveis razões que levaram a Gestalt-terapia a ter a imagem de uma abordagem frágil, sem consistência teórica e, portanto, mais fácil de ser exercida, vez que não exigiria do profissional uma capacitação teórica ou a necessidade de estudos mais aprofundados.

A autora, definindo-se como **herdeira** desta abordagem, resgata sua origem e concepção, apontando a importância dos **pais**, Fritz e Laura Perls, considerando suas crenças, mitos e valores pessoais e a influência, direta ou indireta, destes nos seus legados. Tal busca, referendada e constituída junto ao contexto da época da criação da Gestalt-terapia, objetiva compreender o cenário social e cultural e suas respectivas exigências, com vistas a inserí-la e aos seus conceitos num panorama maior que lhes conceda sentido.

A pesquisa contou com entrevistas de três gestalt-terapeutas brasileiros da atualidade, considerados também **herdeiros**, e, por esta referência, **irmãos** da autora. Seus depoimentos foram registrados, tendo-se o intuito de, com esse diálogo, observar a compreensão que têm da Gestalt-terapia enquanto corpo teórico, como também suas percepções sobre as possíveis causas para a **mal-dição** desta abordagem, qual seja sua carência de fundamentação teórica.

O estudo aponta ser necessário à formação do gestalt-terapeuta um referencial teórico-prático que revele e considere as influências sofridas pela abordagem, e explicita os construtos e conceitos por ela utilizados. É ainda de fundamental importância que se faça a distinção do que é a Gestalt-terapia daquilo que se constitui como o “jeito de ser” do seu **pai**, Fritz Perls.

ABSTRACT

This paper researches on the possible reasons which made the Gestalt-therapy show a fragile approach image, with no theoretical basis, and therefore easier to be dealt with since it wouldn't demand a deep knowledge from the professional Gestalt-therapist.

The author, here defining herself as **heiress** to this approach, rescues the Gestalt-therapy's origin and concepts pointing out to the importance of its **founders**, Fritz and Laura Perls. She considers their beliefs, myths and personal values as well as their direct or indirect influence on the Gestalt-therapy's destiny.

This study, with focus on the Gestalt-therapy very beginning, aims to clearly understand the social-cultural aspect and its demands, with the purpose of analysing the Gestalt-therapy and its concepts in a much broader context that makes it meaningful.

This research is made up of interviews with three current Brazilian Gestalt-therapists, who are also considered **heirs**, hence this author's **brothers**. The main goal for interviewing those therapists was not only to analyse their individual comprehension about Gestalt-therapy itself as theory but also to have their own opinion about the possible causes for today's superficial approach of this therapy.

This study highlights that a Gestalt-therapist needs theoretical and practical pillars that reveal and consider not only the influence undertaken by such a light Gestalt-therapy approach but also that clarifies the concepts which this therapy makes use of. It is still paramount that one distinguishes between what Gestalt-therapy actually is from something that merely makes up its **father's** (Fritz Perls) "way of being".

SUMÁRIO

I.	APRESENTAÇÃO	
	Gestalt-terapia, herança mal-dita	11
II.	JUSTIFICATIVA, METODOLOGIA E OBJETIVOS	
	Explicitar é preciso	18
III.	A FALA DOS PAIS , O SURGIMENTO DA HERANÇA	
	3.1. Fritz Perls: o pai -viajante	35
	3.2. Laura Perls: a mãe -sedentária	45
	3.3. O lugar dos pais : contexto e organização da Gestalt-terapia	51
IV.	A NARRATIVA DOS FILHOS	
	4.1. Um pouco sobre o processo da narrativa	55
	4.2. A narrativa dos entrevistados	59
	4.2.1. Lilian Frazão: o fundo dá sentido à figura	61
	4.2.1.1. Compreendendo a narrativa de Lilian Frazão	67
	4.2.2. Luiz Lilienthal: sedimentar, refletir, divulgar	79
	4.2.2.1. Compreendendo a narrativa de Luiz Lilienthal	84
	4.2.3. Myriam Hoffmann: a doceria	94
	4.2.3.1. Compreendo a narrativa de Myriam Hoffmann	99
V.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	
	À busca de des-velar a mal-dição	105
VI.	BIBLIOGRAFIA	116

I. APRESENTAÇÃO: Gestalt-terapia, *herança mal-dita*¹

Rio de Janeiro, aproximadamente, 1980.

Ganhei um certo livro de capa rosa.

- "Não sei porque nem como, mas este livro ainda lhe vai ser muito útil", disse-me o amigo que me presenteou. Naquela época, sequer eu sabia o que era Gestalt-terapia, palavra que dava título ao livro. Rapidamente, o esqueci, sendo apenas lembrança de uma pessoa querida.

Dois anos depois, iniciei a graduação em psicologia, pensando em optar pela área organizacional, visto que já trabalhava com Recursos Humanos. Durante o curso, o contato com a psicologia humanista apontou um rumo a ser seguido. Os conceitos encontravam eco pela identificação com meu "jeito de ser", e a prática fluía espontaneamente nos cursos em que atuava na empresa onde eu trabalhava.

Por intermédio da minha chefia, estabeleci contatos importantes com pensadores da psicologia no Brasil e no exterior. Nomes como Max Pajès e Pierre Weil saíam dos livros, sendo-me apresentados ao diálogo vivo. Já vivenciando a teoria junto com a prática, sequer me apercebia o quão era forte sua distinção e separação na cultura ocidental.

À busca constante de aprofundamento teórico, orientei minhas leituras para a psicologia humanista, entrando em contato com o livro que me fôra presenteado tempos atrás². Pude, finalmente, compreender o seu sentido na minha vida: ele

¹ Por se tratar de um relato de cunho pessoal, esta apresentação foi escrita na primeira pessoa do singular.

² FAGAN, J., SHEPHERD, I.L. *Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

era referência importante para compreensão da abordagem que começava a me chamar à atenção.

Era um tempo de muitas angústias existenciais, talvez pela consolidação da minha entrada na fase adulta, talvez por razões menos racionais. Ciente da necessidade de fazer psicoterapia iniciei o processo com um profissional de base humanista, que durou aproximadamente sete anos. Melhorei, em muito, minhas aflições e angústias, validando esta prática. No decorrer do processo, percebi que, contrariando os ensinamentos dos livros de Psicologia, era comum os psicólogos desta abordagem convidarem seus clientes para participar de grupos de estudos e/ou supervisão organizados e coordenados por eles, ou ainda dividirem seus consultórios com estes clientes, no caso destes também serem psicoterapeutas. Havia uma despreocupação destes profissionais com a “mistura de papéis” na relação com seus clientes, desconsiderando a distância salutar e necessária ao desenvolvimento de um processo terapêutico. Quanto aos livros, apesar de oferecerem elaborações e referências teóricas, não ofereciam explicações para o que acontecia na prática. Em resumo, era nítida e angustiante a divisão dos terrenos – a prática, na teoria era outra.

Esta, certamente, foi a minha primeira inquietação referente às abordagens humanistas da Psicologia: para não caírem na ortodoxia ou rigidez, pendiam para a liberdade excessiva, avaliada por mim como extremo perigoso. A dicotomia teoria-prática, entre os humanistas, se mostrava com clareza. Tornava-se vital uma articulação da teoria com a prática, objetivando a compreensão holística do processo terapêutico não apenas para a atuação clínica, mas também para a compreensão das histórias de vida dos clientes que eu começava a atender. Era clara a demanda pessoal: precisava compreender meus atendimentos também

pela via teórica, não me sendo satisfatórios apenas “intuir” que estava fazendo certo. Apesar de saber pelos mais experientes que muito da psicoterapia era arte, possivelmente pelo pouco contato com a experiência humana compartilhada, sabia que ainda havia muito por aprender. Não me faltava, é certo, espírito investigativo. Entretanto, sabia que havia uma carência de conhecimentos, uma necessidade de conhecer mais, por não querer conseguir trilhar o caminho da opção unilateral quer da teoria, quer da prática.

Surge, nesta época, uma excelente oportunidade de articular tais conhecimentos: assumir o cargo de supervisora de estágio em Gestalt-terapia na Universidade Católica de Pernambuco, onde haveria, necessariamente, uma constante interlocução entre colegas, a maioria deles acumulando as funções de professores e psicoterapeutas. Pontuo este momento como um grande marco na minha vida profissional, traduzindo bem o objetivo do presente trabalho de dissertação. Ao ser responsável pela transmissão da Gestalt-terapia, não me era possível apenas exercê-la. Era tarefa exigida estudá-la, compreendê-la, articulá-la ao seu referencial teórico, quem sabe esclarecendo as posturas liberais dos seus praticantes.

As discussões forneciam uma boa base para a articulação teoria-prática. Porém, a tarefa tornava-se solitária quando remetida às especificidades da Gestalt-terapia. Todos os humanistas eram terapeutas afiliados a Carl Rogers, sendo eu a única **herdeira** de Fritz e Laura Perls. Nesta época, evidencia-se também para mim o desprezo com o qual a Gestalt-terapia era tratada no meio acadêmico, sendo considerada como um conjunto de técnicas, sem um corpo teórico de sustentação. Os alunos que optavam por esta abordagem freqüentemente eram alvo de críticas dos colegas que não compreendiam tal

escolha, por considerarem-na como desperdício de talento e de conhecimento acumulado pelos anos de estudo.

Tendo refletido e incorporado a Gestalt-terapia, confiava na sua coerência. Entretanto, incômodos surgiam e ressurgiam. O primeiro deles, a constatação: A Gestalt-terapia é **mal-dita**, ou seja, quando se fala dela, fala-se mal. Que motivos levariam a isto?

Precisando de mestres vivos, pessoas com quem discutir e repensar, iniciei o I Curso de Especialização na Abordagem Fenomenológico-existencial da Unicap, seguido depois do mestrado na mesma área. Uma curiosidade interessante: não havia outro aluno gestalt-terapeuta, ou seja, um “interlocutor-irmão”. O cenário já me era familiar: posições filosóficas semelhantes, posturas terapêuticas comuns, mas o pano-de-fundo era Carl Rogers e não Fritz e Laura Perls.

Tal atitude dos profissionais da Gestalt-terapia em não buscarem o convívio fértil do ambiente acadêmico era outro ponto que me chamava a atenção, visto que por ali transitavam vários interlocutores, faltando sempre os gestaltistas. É certo e óbvio que não é apenas pela via teórica que se produz conhecimento. Mas não é menos conhecido que nenhuma abordagem psicoterápica pode prescindir de teorização. E, no caso da Gestalt-terapia, esta separação teoria-prática ainda fere uma noção que lhe é básica e dá suporte: o **holismo**.

Tentando compreender os motivos que levaram esta abordagem a esta separação, e especulando que este pode ser um dos motivos para a **mal-dição**, remeto-a às suas origens e avalio que, por medo de não ser considerada como libertadora, e fugindo do “engessamento” teórico que atribuía existir na

abordagem a que ela se contrapunha, prescindiu da precisão e da solidez das necessárias bases. Ou seja, descartou um dos pratos da balança.

Seguindo ainda esta trilha, reflito que Fritz Perls, no seu livro que lança a Gestalt-terapia, o "Gestalt Therapy"³ apesar de haver realizado uma interessante incursão pela neurose, lançando as bases de uma nova teoria, é interrompido pela imensa necessidade de contrapor-se a Freud, e pelo impulso desenfreado de destituí-lo e à Psicanálise. Para realizar tal intento, enveredou pelos caminhos da divulgação apressada da Gestalt-terapia, sem se permitir expor suficientemente o suporte de base desta nova abordagem. Era negando Freud que ele acreditava afirmar a Gestalt-terapia e justificar sua criação. Sua esposa e essencial colaboradora, Laura Perls, trabalhando de forma séria e organizada na fundamentação da Gestalt-terapia, não se preocupava em se mostrar e ao seu trabalho, tal qual o marido barulhento.

Começava a se delinear que o jeito de ser dos **pais** foi repassado aos **herdeiros**, sendo os da corrente de Fritz ousados e pragmáticos e os adeptos do estilo de Laura, questionadores e mais quietos. Em se optando por fazer parte de um dos grupos, perdia-se de vista o quão ilusória e prejudicial era (e é) esta separação.

A Gestalt-terapia, tanto quanto outro conhecimento, clama por completude, precisando tanto ser questionada e aprofundada, quanto vivida e divulgada.

Os seguidores de Fritz herdaram sua pressa em divulgar e a não preocupação em fundamentar. Ousaram a ponto de se divertir com as distorções geradas, tanto pelo barulho das suas práticas quanto pelo silêncio da explicitação

³ PERLS, F., HEFFERLINE, R., GOODMAN, P. *Gestalt Therapy*. Nova York: Julian Press, 1951.

teórica. Os **filhos** de Laura, mais cuidadosos, chegaram trazendo seu jeito discreto, sua mansidão.

Afora os dois grupos mais extremistas, encontramos pessoas que teorizam e praticam a Gestalt-terapia de forma consistente e séria. Entretanto, parecem não ser ainda em número suficiente, pois, a despeito das suas intenções e dos seus feitos, ainda é muito forte a **mal-dição** que recai sobre esta abordagem. E por não haver sido suficientemente **dita**, fica ainda livre o campo para que a **mal-digam**, deturpando seus princípios, construtos e conceitos. Sendo assim considerada, não se faz merecedora de reverências nem de atualizações, e, relegada a uma psicoterapia de segundo escalão, é por vezes ignorada no meio acadêmico.

Todo conhecimento carece de esclarecimentos, explicitação e utilização prática, tanto quanto de infinitas contextualizações e re-contextualizações, necessárias ao movimento contínuo e espontâneo da vida. Tal qual o remédio que tanto cura quanto mata, a mera repetição de um padrão **herdado** sem que lhe indiquemos o sentido e o remetamos ao contexto a que se refere, torna-se nocivo, prejudicial, maligno ou pernicioso, quando não desprezado. Tirando-se seu campo de inserção, ignoram-se suas virtudes, perdendo-se e o perdendo.

Além disso, quem transmite um saber, deve ficar atento ao conteúdo daquilo que comunica tanto quanto à forma de transmissão, considerando, evidentemente, o público-receptor da mensagem e jamais esquecendo que, ao transmitir, transmite-se também as **contra-dições**, as faltas, os excessos, as inconclusões e tudo o que possa haver sido **mal-dito** pelos **pais**, criadores e primeiros transmissores.

E não sendo mais possível ficar apenas no campo da especulação solitária, parto agora para o diálogo com aqueles que, junto comigo, possam vir a se

interessar pela questão, ajudando-me a des-vendá-la. Desta forma, é iniciado este trabalho. Exposta a inquietação que o originou, cabe agora deixar claro o caminho percorrido, justificando-o e refletindo sua importância.

II. JUSTIFICATIVA, METODOLOGIA E OBJETIVOS: Explicitar é preciso⁴

Desde há muito, nos inquietamos com o fato da Gestalt-terapia ser considerada uma abordagem de psicoterapia inconsistente, frágil e sem referencial teórico sólido. Tal visão acerca da Gestalt leva a questionamentos sobre sua seriedade, e, por ser percebida apenas como um conjunto de técnicas, é considerada como mais fácil de ser exercida.

Durante nosso percurso como gestalt-terapeutas e professores de Gestalt-terapia, vários movimentos já se configuraram, desde tentarmos provar que a nossa abordagem de referência tem suporte teórico consistente até ignorarmos as críticas e "tocarmos a prática profissional em frente".

O projeto primeiro deste trabalho visava a organizar e sistematizar teoricamente a Gestalt-terapia, demonstrando sua consistência. Sem nos apercebermos, utilizávamo-nos de um critério de ciência desprezado por esta abordagem e pela própria Psicologia na atualidade, ou seja, a necessidade de comprovação de cientificidade, via dicotomia teoria X prática, fonte fértil para discussão sobre o que seria considerado científico no campo desta ciência.

Uma abordagem de psicoterapia não pode prescindir do intelectual nem do vivencial, pois não há nem pode haver tal distinção no humano. Isto nos parece óbvio. Entretanto, tal constatação não é suficiente para livrar a Gestalt-terapia dos **mal-ditos** que cercam sua consistência teórica, inclusive pela constatação de que *"a forma teórica é a que domina todas as demais na cultura ocidental moderna"*, conforme nos atesta Figueiredo (1993:5).

⁴ Preciso = indicado com exatidão, definido, claro, resumido (Ferreira, 1986:524).

É importante, entretanto, considerar que “a teoria é útil quando recua para a posição de fundo” (*id.*), vez que esta e a prática se confundem perante nosso objeto de estudo, o homem. Evidentemente a “razão” de que trata a Psicologia não é apenas a mera intelectualização. Trata-se de uma razão organísmica que nos permeia, e não apenas nos permite a tarefa pensante, embora também o faça. Porém, nossa forma limitada e limitante de compreensão do mundo, aliada à necessidade de ordenar as coisas, acabaram por nos fazer desprezar o conhecimento que, por advir da experiência pessoal, é origem, destino e contexto de significação de toda teoria. Sabemos que a razão e a emoção andam juntas, e cobramos das abordagens psicológicas que assim as compreendam.

Entretanto, ocorreu que as abordagens humanistas, nas quais a Gestalt-terapia se insere, negando se enquadrar na noção tradicional de conhecimento científico, não expressaram com clareza o que consideravam ciência, nem se ocuparam em traduzir-se. Desta feita, a Gestalt-terapia, apesar de considerar fundamental a articulação ciência-arte (ou teoria-prática), não esclarece tal compreensão que pode ser exposta pela idéia de que a arte é uma das inúmeras formas possíveis de compreensão e reflexão da vida, expressando a parte-todo que nos constitui e nos faz conhecer.

Moratto (1999:67), refletindo Polanyi, afirma:

“Nenhum conhecimento, nem mesmo o científico pode fazer uma predição se não estiver apoiado sobre uma arte: a arte de estabelecer através da delicadeza treinada do olho, ouvido e tato uma correspondência entre predições explícitas da ciência e a experiência presente de nossos sentidos aos quais essas predições deverão aplicar-se”.

Um dos **mal-ditos** mais freqüentes da Gestalt-terapia, a falta de teorização, pode ser assim compreendido: A abordagem fenomenológico-existencial de

psicoterapia teve seu início na década de 40. Criada inicialmente por Fritz e Laura Perls, psicanalistas alemães, teve sua divulgação e sedimentação nos Estados Unidos, numa época de efervescência social e cultural. Movimentos como os hippie e de contracultura lutavam pelo resgate da liberdade humana, ameaçada pelas guerras mundiais e pelos conflitos entre religiões e raças. Neste tumultuado cenário, mais que aceita, esta abordagem teve um lugar de destaque, devido à preocupação e cuidado com valores humanos esmagados pelos graves conflitos existentes, além do que esta forma pragmática de psicoterapia *“buscava (...) fazer o necessário e importante para o ‘funcionamento’ da sociedade que não podia parar de produzir, vender e consumir para garantir sua hegemonia”* (id. 79). Provavelmente, se seu desenvolvimento houvesse ocorrido na Europa, o percurso teria sido outro, vez que

“Na Europa, tudo isto foi sempre visto com muito mais cuidado. A prática psicoterápica surgia, também, pela demanda social, mas sem aprisionar-se na urgência desta demanda. Ouvia-se a demanda, mas se repensava e se reformulava a prática através de trabalho de reflexão” (ibid: 80).

O cenário atual brasileiro já reconhece que, para além da necessidade de curar nossos sofrimentos, é mister compreendê-los e aos seus motivos, aplacar suas causas, inserindo-os aos seus contextos. Não é apenas o resultado que nos parece importante, mas o percurso que nos leve até ele. Com esse respaldo, profissionais da Gestalt-terapia pensam **e** praticam esta abordagem apontando a possibilidade de multiplicarmos os olhares, considerando teoria **e** prática.

Já existe a semente de compreensão de que teorizar é apenas escolher uma das formas de expressar a experiência, sem desconsiderar que, ao fazê-lo, recorta-se esta última, caindo-se na imperfeição. Também já sabemos que já vivemos **a** e **na** teoria e que esta permeia e modifica a experiência, ou melhor, o

homem é sua rede de significações, sendo, este e o mundo, imbricados. Não há uma **relação** teoria-vida, mas uma **constituição** mútua. O que é experimentado precisa ser articulado com um campo de sentidos. E mais: para certas experiências, que não encontram lugar no nosso mundo de sentidos, faz-se necessário que se reconheçam outros sentidos estranhos até então, que abarquem a nova experiência.

Mas, como semente, a integração germina em uns terrenos, não vingando em outros. Portanto, há tanto quanto o chamamento à integração, a supervalorização do racional. Na busca desta forma holística de pensar, refletimos, obrigatoriamente, que a existência é anterior a qualquer forma de reflexão e que nenhuma teoria dá conta do que seja a experiência. A vida é sempre mais, mas o ato de compreender - quando vivo - amplia a vida. É o que Figueiredo (1994:124) nos esclarece, remetendo-nos a uma poesia de S. Georg que fala sobre uma jóia rara trazida por um poeta à sua cidade natal e que, por desconhecimento do **nome** da preciosidade, lhe escapa às mãos, não se permitindo incorporar ao tesouro deste lugar.

“Nas três primeiras estrofes Georg relata suas viagens costumeiras ao sonho e às regiões distantes de onde volta com dádivas capazes de evocar os nomes (...). São estes nomes que dão aos presentes densidade e força, constituindo-os como algo. São estas palavras disponíveis que conquistam para o homem o poder sobre os fenômenos; elas permitem a representação dos entes e sua permanência no país”.

Porém, aquilo que não se pode ainda nomear, deixa-se escapar, demonstrando o privilégio da palavra (do intelectual) sobre a coisa em si (o que apenas “é”).

Paixão e pensamento, emoção e razão, corpo e mente, desde há muito se evitaram. Os primeiros, menos rígidos, transitavam nos campos vastos da arte, enquanto os segundos, bem mais sensatos, alojavam-se nas salas organizadas da ciência. Era tenso o corredor que os interligava, tensão que garantiria o equilíbrio vital, caso possibilitasse a visitação mútua e facilitasse a percepção do paradoxo: estas formas de aparência oposta, sendo múltiplas, são igualmente unas, tal qual o movimento da vida. O que ocorreu, porém, foi um isolamento, uma separação improdutiva.

As relações entre teoria (conhecimento representacional) e prática (conhecimento tácito ou experiencial).

“Podem ser concebidas, aproximadamente, como relações entre figura e fundo. Embora o fundo esteja fora de foco e possa passar em grande parte despercebido - é como se não fosse visível - sabemos que é esta apreensão não temática do fundo que garante as possibilidades de formação e significação das figuras” (Figueiredo, 1993:4).

Uma figura só é bem percebida se contextualizada ao fundo, até porque é lá que se irá procurá-la. Esta constatação nos lembra o desperdício existente no ato de “levantar bandeiras” de movimentos que se considerem como isolados ou como capazes de dar conta da vida, sozinhos. Desta feita, não nos cabe mais apoiar ciência **ou** arte, razão **ou** emoção, mente **ou** corpo.

Lamentavelmente, esta ação absurda é ainda praticada, apontando como uma das razões para tal, a necessidade de nos atarmos a portos seguros, pelo temor de nossa própria dissolução, quando nos está impossível suportar a insegurança e indefinição da vida. A tirania da razão com o intuito de dominar os impulsos - aparentemente contraditórios - de vida e morte, aparece-nos como

possível salvadora. Nesta ilusão convincente de segurança, a teoria perde a prática de vista e, deixando de enervá-la, provoca sua necrose. A prática vai na contramão, atropelando a teoria. Criam-se verdadeiros times, defensores leais de um dos lados. Uns pensam, criticam, teorizam, esclarecem. Outros vivem, experienciam, transcendem, libertam-se. A teoria parece a responsável pelo pensar e pelo refletir, enquanto que a prática ocupa-se do agir, do fazer, do experienciar.

É nítido o movimento atual de diálogo entre as diferentes formas de conhecimento da cultura ocidental. Entretanto, por vezes ainda nos comportamos como se estivéssemos na época em que viveram Fritz e Laura Perls, período em que **ou** se pensava **ou** se vivia, tanto por questões de valores pessoais, quanto por apelos sociais.

Refletir a tensão necessária entre a teoria e a prática é questão complexa e delicada, requerendo ainda mais cuidado quando se trata de uma ciência única, mas com múltiplas facetas, como é o caso da Psicologia. Há que se compreender a unidade múltipla e diversa da proposta, visto que a tentativa de unificação eclética, além de impossível, seria fatal, caso ocorresse.

“A comunidade psicológica a rigor não existe: não há entre aqueles que dizem fazer psicologia (teórica ou prática) a unanimidade de objetivos e critérios que permita essa forma de redução da diversidade. Penso que, ao invés da unificação e da fragmentação, cumpre assumir a unidade contraditória do projeto” (Figueiredo, 1991:204).

Figueiredo organiza o pensamento psicológico em matrizes, situando a Gestalt-terapia no campo das vitalistas e naturistas, subconjunto das românticas e

pós-românticas. Assim, ele esclarece o troca-troca que ocorreu entre as diversas psicologias:

“Tudo o que fôra excluído pelas matrizes científicas é recolhido pelo conjunto de atitudes e perspectivas intelectuais que estou denominando de vitalismo naturista: o qualitativo, o indeterminado, o criativo, o espiritual etc. Trocam-se os sinais, mas permanece a divisão entre razão e vida. Os vitalistas tomam partido: são a favor da vida e contra a razão” (id.:32).

Ao admitirmos que uma área de conhecimento se define pelos critérios que adota, ou seja, pelo que considera ou despreza, surpreendemo-nos ao perceber que esta vai além, descartando os não interesses. Tal constatação é muito bem explicitada na citação referida por Perls (1977): *“A maior parte das psicoterapias está tentando chegar às profundidades mais profundas. Nós procuramos chegar à superfície mais exterior...” (p. 33).*

Certamente a superfície a que Fritz se refere é aquela aludida pelo pensamento fenomenológico que sugere que o que aparece (o superficial) é o que de mais profundo pode existir, o que maior importância deve ter, a “figura”. Tirado tal contexto, entretanto, fica-se com a definição do senso-comum que tem o superficial como o sem importância, o desprezível, o fútil. Por desprezar o conhecimento racional e tradicional, para este autor, entretanto, é irrelevante ser ou não compreendido.

Ainda ao referir-se à Gestalt-terapia como “terapia do óbvio”, Fritz expõe sua coragem e ousadia, aliadas à não preocupação com os mal-entendidos (aqui denominados de **mal-ditos**) que possa provocar. E vai além, quando se coloca como re-descobridor e não criador desta abordagem:

“Tenho sido freqüentemente chamado de fundador da Gestalt-terapia. Isso é um engano. Se quiserem me chamar de descobridor ou re-

descobridor da Gestalt-terapia, tudo bem. A Gestalt é tão velha quanto o próprio mundo". (id.:32).

Nesta afirmação, Fritz acredita e defende que a visão integradora da unidade organismo-meio da Gestalt-terapia é tão arcaica quanto o mundo ou a vida, e que a dicotomia é inútil e equivocada. Porém, não consegue sair da dicotomia, possivelmente por questões de ordem pessoal no tocante à figura de Freud, que o levam a contestar a Psicanálise, ignorando a necessidade de respaldar sua crítica ou apenas de considerar que conhecimentos outros coexistem e precisam coexistir, naturalmente. Sem perceber, se contradizia quanto à sua noção de unidade.

É importante ressaltar que Fritz, enquanto psicanalista, sentia-se revendo a teoria e o método de Freud, tendo, inclusive, escrito um trabalho intitulado "Resistências Orais". Este manuscrito, aperfeiçoado, transformou-se no seu primeiro livro, "Ego, Hunger and Agression", ainda não publicado na língua portuguesa. O rompimento com a Psicanálise remonta a esta época (1936), devido à rejeição de Freud e seus seguidores às idéias revolucionárias de Fritz.

"O alcance do rompimento com os freudianos foi percebido quando entregou a Maria Bonaparte, amiga e discípula de Freud, o manuscrito dessa obra". (Loffredo, 1994:29).

Perls comenta que ela lhe teria sugerido renunciar ao título de psicanalista, uma vez que não acreditava mais na teoria da libido. Fritz criticou a Psicanálise, expondo que uma abordagem científica não poderia ser baseada numa "profissão de fé". Mais uma vez, o que o movia era a separação entre a emoção (fé) e a razão (ciência).

Assumindo não ser mais psicanalista, e partindo para a construção, e muito mais para a *divulgação* da sua nova abordagem, ele escreve um texto despreocupado, apresentando a Gestalt-terapia. A sua ordem-mor era "perca a cabeça e retome os sentidos", algo que sugere uma provocação ao estilo racional de Freud e dos demais psicanalistas da época. Novamente à busca de integração, acaba por reforçar a distinção.

A falta de preocupação com a articulação teoria-prática, por parte de Fritz Perls, chegou às raias do descaso para com a psicoterapia por ele proposta, inclusive delegando tarefas a outros profissionais, dentre os quais, Paul Goodman, intelectual bastante preocupado e competente no que diz respeito à prática pedagógica, mas sem experiência no campo da psicoterapia.

De acordo com Loffredo (1994):

"Para publicar seu manuscrito que necessitava ser modificado para um inglês mais legível, Perls recorreu a Goodman e pagou-lhe uma quantia para realizar o trabalho. Goodman teria percebido a falta de uma teoria coerente no manuscrito e teve permissão de Perls para articulá-la. Isto se transformou na segunda parte do livro" (p. 34).

O livro acima referido, "Gestalt Therapy"⁵ foi considerado a "bíblia" da Gestalt-terapia, sendo originalmente dividido em duas partes: a primeira, teórica e explicativa, e a segunda, experiencial e experimental. Quando de sua publicação, por razões comerciais, as partes foram invertidas, sendo a parte experimental apresentada como o carro-chefe do livro, por tratar-se de um manual do tipo "faça você mesmo", bastante aceito pela população americana da época, que clamava por respostas rápidas, eficazes e individualistas.

⁵ PERLS, F. HEFFERLINE, R., GOODMAN P. *Gestalt therapy*. São Paulo: Summus, 1997.

Fritz Perls acabou por considerar coerente a disposição dos capítulos do livro uma vez que, segundo ele, para se compreender a teoria seria necessária uma "atitude gestaltista" e esta poderia ser conseguida facilmente com a ajuda do manual. Era-lhe difícil compreender a unidade do projeto; impossível, portanto, o projeto como unidade.

Por considerar que o foco da psicoterapia teria que ser a experiencição não - reflexiva, Perls descuidou da sua explicitação teórica, não deixando claro o que era esta "terapia não teorizante". Melhor dizendo, a Gestalt-terapia é não intelectualizante na sua prática, visto que o terapeuta não teoriza com o cliente sobre a vida deste, mas, sim, o auxilia a reencontrar o sentido. Porém, esta atitude não deve perpassar o consultório e chegar às salas de aula, sob o risco de, em isto ocorrendo, fragilizar a abordagem. Hoje, após longo caminho percorrido, a teoria é percebida como indiscutivelmente presente por saber-se não possível um saber experiencial desarticulado de um campo de sentidos. Persiste ainda, entretanto, a dificuldade em explicitar esta base, uma vez que é necessário reorganizar-se um saber, juntando as partes do que foi concebido separada e discipliscentemente.

Além da recusa em contestar Freud teoricamente (pois seu método era não teórico), Perls, expulso da comunidade psicanalítica e refugiado do Nazismo na África do Sul, torna-se ausente do cenário intelectual.

Sugerindo razões para a escassez de material publicado por Perls sobre Gestalt-terapia, Fagan & Shepherd (1971) expõem:

“O Dr. Perls, que com a assistência de sua esposa, Laura, é responsável pelo início e primeiros progressos da Gestalt-terapia, trabalhou, inicialmente, em relativo isolamento profissional, na África do Sul, e demonstrou pouco interesse em criar uma escola de terapia como tal. A Gestalt-terapia, com sua

ênfase no aqui-e-agora, no imediatismo da experiência e na expressividade não-verbal, e sua evitação de perífrases ou abuso do computador mental, é propensa a corrigir as nossas tendências para a prolixidade e abstrações, mais do que a encorajar a manipulação de palavras necessárias à redação de livros. Assim, a maioria dos gestalt-terapeutas inclina-se mais a fazer do que a dizer” (p. 10).

Por conta deste “fazer sem dizer” e, principalmente, sem escrever, a Gestalt-terapia foi passada aos psicólogos e psicoterapeutas através da tradição de treinamentos práticos nos institutos de **adestramento**, e, tanto quanto ocorreu ao Psicodiagnóstico (Augras, 1981):

“De modo por assim dizer, artesanal, do mestre para o aprendiz, longe do quadro acadêmico. Desta maneira, corre-se o risco de perder de vista o referencial científico geral, valorizando a autoridade do mestre, esquecendo-se das revisões críticas. De um treinamento geralmente bem intencionado, chega-se à transmissão ritualista de uma soma de receita” (p. 08).

Enfocando a influência fundamental de Perls, ressalta-se que a Gestalt-terapia só foi reconhecida como nova abordagem terapêutica em 1963, quando dos treinamentos práticos dirigidos por ele no Esalen Institute, em Big Sur, na Califórnia. Com seu trabalho itinerante, Fritz divulga rapidamente esta abordagem, sem o cuidado com a importante tarefa de aprofundá-la e sistematizá-la. A co-fundadora da Gestalt-terapia, Laura Perls, mais preocupada com a questão metodológica e com a explicitação da teoria, classifica duas vertentes da abordagem:

“Há o intuitivo e o experiencial de um lado, o teórico de outro; há o estilo de Perls, e a preocupação em se apontar que a Gestalt-terapia não se restringe a ele; há o trabalho episódico e o trabalho de longa duração; e há tentativas de se sanar os mal-entendidos espalhados por aí” (Loffredo, 1994:38).

Sua necessidade de teoria assumida junto com sua facilidade em estabelecer contatos genuínos apontam a influência fenomenológico-existencial na Gestalt-terapia, principalmente do pensamento de Martin Buber, da qual foi aluna e seguidora, e da Fenomenologia, que lhe respalda o método de trabalho. Compreendemos fundamental o papel de Laura Perls à formulação da Gestalt-terapia e, a não ser pela extrema necessidade de Fritz de ser a "estrela maior" desta abordagem, nada justifica o seu papel secundário no desenvolvimento da Gestalt.

Muito já se refletiu desde os Perls, na direção da compreensão da Gestalt-terapia enquanto uma abordagem de psicoterapia que, como tal, possui uma visão de homem e mundo e, como consequência natural, um método de trabalho. Nesta linha, Loffredo (1994:74), ainda enfatiza que:

“Nesta filosofia está a concepção de homem, das relações humanas e, dela oriunda, da relação terapeuta-cliente que fundamentam a Gestalt-terapia, propiciando uma estrutura de 'conjunto', formando uma Gestalt, pois um leque só é montado através do ponto comum que une os segmentos”.

E continua:

“A Gestalt-terapia é uma modalidade de psicoterapia existencial, enquanto uma forma característica de reflexão sobre a existência humana. Tem em comum, com as outras de mesma linhagem, a concepção do homem como ser-no-mundo, como ser-em-relação, numa dialética na qual cria e é criado nesta relação, num vir-a-ser, que nunca se completa, um movimento contínuo alimentado por um conjunto de potencialidades, sempre em aberto, que caracteriza o eterno projeto que é o existir humano” (id.:76).

A Gestalt-terapia já está sendo **dita**. Entretanto, **mal-ditos** ainda persistem, muitas vezes sobrepondo-se aos esforços por desfazê-los. Nossa intenção é

refletir sobre a Gestalt-terapia a partir da posição de **herdeiros**, levantando questões nem sempre simples de serem respondidas, por vezes mesmo sem resposta. A ser **mal-dita**, quem a **mal-diz** e sob que perspectiva lança sua crítica? Qual é exatamente a **mal-dição** a que estamos nos referindo? Ela sempre foi **mal-dita**? O que leva os profissionais a escolherem a Gestalt-terapia como abordagem de referência, sendo esta **mal-dita**? E quem a transmite, como lida com a **mal-dição**? Certamente tais questões não serão todas referidas neste trabalho, cujo papel pode ser o de estimular e ampliar a reflexão.

Apesar de árdua, a tarefa nos instiga e nos convida a um passeio, contando e ouvindo his(es)tórias, refletindo, procurando sentidos.

E como o conflito gerador deste trabalho tem suas raízes fincadas na nossa prática clínica, tendo sido claramente delineado quando do nosso início como professora, responsável pela divulgação e transmissão da Gestalt-terapia, optamos pela coleta de depoimentos de colegas gestalt-terapeutas brasileiros que atuam ou já atuaram tanto na clínica quanto na docência acadêmica.

Compreendendo a Gestalt-terapia concebida por Fritz e Laura Perls, com suas nuances, paradoxos e interpretações, vimos resgatar sua criação, apontando sua importância como **país**. Tal busca é referendada e constituída frente ao contexto da época em que viveram e conceberam esta abordagem. Neste percurso, embora apontemos suas tendenciosidades, concebemos sua inevitabilidade, por serem oriundas das suas histórias pessoais.

Ao dialogar com gestalt-terapeutas atuantes no Brasil, buscamos saber como estes a percebem enquanto corpo teórico, bem como suas compreensões sobre as possíveis causas que influíram para que a Gestalt-terapia fosse percebida como carente de fundamentação, se assim a perceberem.

Inserindo-nos como herdeiros desta abordagem, refletindo o que qualificamos de **herança mal-dita**, buscamos compreender possíveis motivos para tal **mal-dição**, esperando contribuir na continuidade do seu processo de transmissão. Como **herdeiros** e transmissores desta abordagem, consideramos importante comentar que, ao repassar a Gestalt-terapia a alunos ou supervisionandos, assim o fazemos organizando este conhecimento, realizando uma espécie de mapeamento, onde explicitamos tanto as influências quanto a origem e os construtos teóricos da Gestalt-terapia. É necessário, assim pensamos, organizar esta forma de pensamento facilitando sua transmissão.

Assim é realizada a transmissão.

Ao iniciar, o primeiro movimento que surge é o da explicitação. Explicitada a abrangência e objetivo da tarefa pretendida, carecemos de esclarecer os termos, no sentido de utilizá-los com propriedade, sabedores dos riscos que a dubiedade contém em si.

A **precisão** aqui referida é a da definição, do resumo, da exatidão. Pontuando e delimitando nossos interesses, não podemos deixar, no entanto, de ter a clareza de que tais (...) *posições são algo polêmicas e que os argumentos que tentaremos articular são algo discutíveis (...)*, como afirma Figueiredo (1994:89). Não desconsideramos, entretanto, que são **nossos** argumentos, constituindo, não apenas o contexto pessoal/profissional, mas também referindo-se ao nosso cenário de inserção sociocultural. Pontuamos ainda a necessidade de advertir que quando afirmamos que nossas posições teórico-práticas nos constituem, queremos óbvia e necessariamente esclarecer que, nessa via de mão dupla, também é nosso papel intransferível, igualmente constituí-las. O processo, inacabável e inatingível, torna-se inevitável.

Preciso é aqui utilizado no sentido de precisão, clareza e delimitação, não podendo ser traduzido por necessário. Somos levados a esta utilização do termo, também pela compreensão de que para alguns seguidores desta abordagem, teorizar a Gestalt-terapia é compreendido como ferindo um dos seus princípios básicos, qual seja, o “falar sobre”. Procuramos, na intenção da precisão, não apenas “falar sobre”, mas também “falar com” os que se foram, buscando abrir possibilidade de um infinito diálogo com os que agora estão e com os que hão de vir.

O termo **herança** é utilizado como *“origem, legado, recebido de gerações anteriores”* (Ferreira, 1986:338) e, assim compreendido, abre o campo a críticas e atualizações, evitando a ingênua, não pouco perigosa, possibilidade de destruição da tradição.

Por fim, não é nosso interesse propor a teorização como mera incursão intelectual-racional, nem também considerar a prática como simples execução e aplicação da teoria. Neste sentido, Figueiredo (1993), nos referenda:

“Minha sugestão é que as relações entre conhecimentos tácitos e conhecimentos explícitos, entre experiências e discursos representacionais devem ser mantidas num nível ótimo de tensão. Isto implica na não coincidência, ou seja, a teoria não deveria coincidir com a prática (...)” (p. 07).

E diz ainda:

“(...) não se trata de pensar apenas a proximidade e a complementaridade entre teorias e práticas, mas de pensar suas diferenças: manter a tensão é deixar que a prática seja um desafio à teoria e que a teoria coloque problemas para a prática” (id.:08).

Seguindo a mesma linha, AmatuZZi (1999)⁶ afirma que “viver é pesquisar”, afirmando também que “pesquisar é viver”. Apesar da incerteza do que vem primeiro, de uma coisa nos asseguramos: vivemos. Daí, fácil e naturalmente damos-nos conta de que, necessariamente, pesquisamos.

Escolhemos, não por acaso, mas por uma atração espontânea ao “contar e ouvir his(es)tórias”, que a via de acesso aos colaboradores desta pesquisa seria o relato via oral, a conversa que se constrói enquanto ocorre. A partir deste movimento, um dado fundamental já se configura: nem todos os gestalt-terapeutas passaram por esta inquietação e, para nossa surpresa, tal fato não tem a menor relevância. Pelo contrário, aponta para a diversidade necessária à manutenção saudável da vida e para o objetivo fundamental deste trabalho. Comentando a fundamentação teórico-prática da Gestalt-terapia, esclarecemos como compreendemos a função de **herdeiro**, que, a nosso ver, é mobilizado, principalmente, pela responsabilidade na manutenção e transmissão da **herança**. Especificamente, no caso da Gestalt-terapia, uma função importante do herdeiro é encontrar um sentido da teoria na prática, e atualizar a prática pela via também teórica. Apesar de óbvio que teoria e prática em sua origem são indivisíveis, a limitação humana as aparta na intenção de compreendê-las e captar seu sentido.

Ao aventurarmo-nos em contar a história de vida de Fritz e Laura Perls, tomamos emprestado, como pano de fundo para este capítulo, o romance “*Reunião de Família*”⁷, marcado pela transcrição das falas de alguns de seus personagens.

⁶ Nota extraída das aulas da disciplina “Pesquisa em Psicologia Clínica” ministrada pelo Professor Doutor Mauro AmatuZZi, no Mestrado em Psicologia Clínica da Unicap, em fevereiro/1999.

⁷ LUFT, Lya. *Reunião de Família*. São Paulo: Siciliano, 1991.

O artifício utilizado tem como objetivo dialogar com Fritz e Laura Perls, buscando compreendê-los e ousando traduzir seus sentimentos. Certamente a tentativa é por demais complexa. O que nos incentiva e encoraja é a crença de que, ao trazer à vida fatos e pessoas já não presentes, efetuamos a necessária reverência ao passado, lançando-nos, como não pode deixar de ser, ao incerto futuro.

A Gestalt-terapia é uma construção originariamente a quatro mãos, mas seus criadores foram cada um por um caminho: ele divulgando, ela aprofundando. Fritz e Laura Perls repassam à sua abordagem toda diferença pessoal, transparecendo suas diferenças fundamentais.

Ela, exigente e estudiosa, deixa-nos o lastro, o gosto pelo pensar. Ele, ávido por vida, presenteia-nos com a coragem e a ousadia de um agir. Ambos, tão juntos e tão separados, plantaram e espalharam as sementes da Gestalt-terapia, tanto pela busca de compreensão da relação homem-mundo, quanto pelo desenvolvimento de um método de trabalho que os auxiliem, homem e mundo, a viver com maior respeito e harmonia.

A parte construída por cada um dos Perls recobre-se de sentido quando remetida às suas histórias pessoais. Mais uma vez, observamos a impossibilidade de compreensão de uma obra sem a articulação constante ao seu contexto.

Esta constitui-se a tarefa que se segue.

III. A FALA DOS **PAIS**, O SURGIMENTO DA **HERANÇA**

3.1. FRITZ PERLS: O pai-viajante⁸

"(...) desenraizados. Nossa família era então um espelho sem moldura. Inconsistente: um toque mais brusco, tudo se estilhaçava" (LUFT, 1991:34).

Filho de um pai ausente, física e emocionalmente, e de uma mãe culta, esclarecida, mas submissa, aos 08 de julho de 1896, em Berlim, num bairro tipicamente judeu, nasce Frederick Salomon Perls. Frequenta óperas, museus e teatros com sua mãe, tendo acesso irrestrito à vasta biblioteca do seu avô materno. O contato com a figura paterna é mínimo, não tendo seu pai interesse ou cuidado em esconder-lhe o desprezo que sentia por sua pessoa. Sua ausência física era justificada e respaldada pela natureza de seu trabalho como comerciante de vinhos, que o obrigava a viajar bastante. Quanto à ausência de afeto...

"(...) esse olhar que não me ama, não me compreende. Me examina" (op.cit.: 41).

Aos três anos de idade a família muda-se para um bairro não judeu no centro de Berlim. Esta sua primeira perda do sentimento de pertença irá se expressar nitidamente em todo o decorrer da sua vida, onde as mudanças são constantes, tanto para fugir à perseguição nazista, quanto pela sua própria falta de apego a lugares ou pessoas.

⁸ Viajante é um termo elaborado e utilizado por BENJAMIN, W., In: *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras escolhidas).

Criança solitária, Fritz, ainda muito pequeno, monta peças de teatro em casa. Sua paixão pela dramatização influenciou fortemente a Gestalt-terapia, posto que esta possibilitou sua comunicação, socialização e sentimento de integração a um grupo. Daí sua sensibilidade à linguagem corporal humana e sua proposta holística de psicoterapia.

“(...) não lhe ensinaram o amor.
Amor não se tira do nada. Se
aprende, se treina” (op.cit.: 85).

Ao entrar na adolescência, vem à tona toda sua revolta, sendo expulso de várias escolas. Torna-se ótimo aluno ao ingressar num “colégio alternativo” que valoriza aptidões individuais, sendo estimulado no seu talento teatral. Esta aceitação e reconhecimento são vitais para o seu posterior aproveitamento escolar e desenvolvimento intelectual, bem como estimulam-no a trabalhar em teatro, profissionalmente.

“sinto-me desligado de tudo que é sólido e real,
minha vida cotidiana”. (op.cit.: 31).

Quando do início da primeira grande guerra, em 1914, Fritz, então estudante de Medicina, contava com vinte e um anos. Desejando servir à sua pátria, oferece-se como voluntário da Cruz Vermelha. Seu temperamento irrequieto não demora a levá-lo às trincheiras. Suporta bem os ferimentos físicos, ao contrário do que sente com relação ao anti-semitismo dos oficiais alemães. O sentimento de ser injustiçado pelo pai, presente durante a infância e a adolescência, é agora

revivido, reforçando sua revolta. É insuportável para Fritz ser discriminado pelos alemães, seu próprio povo e pelo qual voluntariamente lutava.

"Toda essa mágoa e essa solidão me cegam, me sufocam. Ataco de volta. É só o que posso fazer". (op.cit.: 107).

O ataque viria anos depois, quando da segunda grande guerra. Fritz, novamente por vontade, luta na guerra. Desta vez, **contra os alemães**.

Pouco depois, em 1920, Perls gradua-se médico neuropsiquiatra. Muito jovem ainda, mas profundamente marcado pela vida, vincula-se ao "bauhaus", grupo de intelectuais revolucionários, que luta por uma vida menos rígida e mais humana. Ocupando-se intensamente com as lutas político-sociais, convive com gente que, como ele, é vítima de abandono e injustiça. Exigindo o respeito ao outro, lutando pela igualdade social, acalenta e acalma seus medos e angústias. Sua enorme carência afetiva, entretanto, exige que suas opiniões sejam sempre consideradas e suas decisões jamais contestadas.

Possivelmente sem se dar conta, sua brava luta pelo extermínio da rigidez e estabelecimento do diálogo é travada de forma exageradamente rígida e à base de um quase monólogo.

"Mas cada vez mais difícil era abandonar uma postura rígida. Era destreinado na ternura". (op.cit.: 42).

Ciente de suas dificuldades de relacionamento, impotente para alterá-las, Fritz submete-se, durante vários anos, a processos de análise pessoal, num vasto

e largo percurso, sempre acompanhado pelos melhores e mais famosos psicanalistas de sua época.

Em 1926, sendo analisado então por Karen Horney, transfere-se de Berlim para Frankfurt, seguindo seu ímpeto nômade. Esta mudança lhe proporciona o contato com Kurt Goldstein, médico vanguardista, formulador da teoria organísmica ou holística de compreensão da personalidade. Os dois trabalham juntos num instituto de tratamento de soldados portadores de lesões cerebrais, e Fritz, encontrando em Goldstein apoio para o desenvolvimento de um trabalho integrado (mente/corpo), canaliza toda sua energia e esforço para os cuidados a estes soldados.

O constante estado de ocupação de Fritz, sua irrequieta forma de ser, faz-nos crer que buscava, desenfreadamente, paz interior.

*“É um alívio executar uma tarefa (...).”
(op.cit.: 53).*

Além da realização profissional, é também em Frankfurt, e através de Kurt Goldstein, que ele conhece Laura Posner, sua futura esposa e parceira na construção da Gestalt-terapia. Inicia, por volta deste período, seu processo de análise didática, exigência para atuar como psicanalista.

A década de 30 foi movimentada para Perls. Casa-se com Laura, nasce seu primeiro filho, uma menina. Envolve-se num movimento antinazista que, não sendo bem sucedido, o obriga a fugir às pressas para Amsterdã. Longe da família e sem dinheiro, enfrenta novamente uma vida dura e cruel, solitária e perseguida. Só tempos depois, quando se acalma a perseguição nazista aos judeus,

consegue trazer Laura e a filha para junto de si. É como se a “profecia do abandono” o perseguisse.

"(...) era essa a sentença que regulava nossas vidas". (op.cit.: 43).

Passados dois anos, encontra apoio para instalar-se na África do Sul, organizando finalmente sua família junto com Laura e a filha do casal, Renate. Juntos, criam o primeiro instituto sulafricano de psicanálise, em Joanesburgo. É um tempo muito propício financeiramente. A família Perls vive de forma "burguesa", com conforto e segurança. Porém, Fritz não consegue aproveitar desta opulência junto com Laura e Renate. A exemplo dos velhos tempos, seu divertimento é solitário. Tendo como hobby pilotar seu próprio avião, adere ao já conhecido estilo perigoso de viver, agora por pura opção.

"Braços fortes, mais eficientes que o coração". (op.cit.: 42).

Laura engravida do segundo filho do casal, Steve. Fritz declara-se radicalmente contra a gravidez, sugerindo sua interrupção. Não aceitando a absurda imposição do marido, Laura resolve assumir a maternidade mesmo sem o seu apoio.

Um filho homem: Fritz não agüentaria...

"Não parecia fazer questão de aproximar-se de ninguém. Um cacto: ferindo-se nos próprios espinhos, sangrando para dentro. Afastando quem desejasse amá-lo". (op.cit.:40).

Incompetente para as relações afetivas e amorosas, o solitário Perls participa, em 1936, de um congresso internacional de psicanálise, em Praga. Ávido de reconhecimento intelectual, visto ser a única forma de contato que ele sabia buscar, apresenta neste encontro um trabalho que considera uma contribuição à teoria psicanalítica.

Sua expectativa de ser aplaudido, sendo reconhecidos seu empenho, dedicação e competência, é grosseiramente frustrada. Seu trabalho é ignorado e/ou censurado pelos colegas psicanalistas. Sua tentativa de contato pessoal com Freud - o mestre - é desastrosa. Repete-se o ciclo: o pai, poderoso, despreza o filho que, na vã ilusão, supunha-o agora acessível e disponível a suprir-lhe as faltas.

Havia uma Laura sempre à espreita querendo controlar seus desejos, dando-lhe um filho não solicitado. E havia um Freud ladeado por fiéis discípulos, fazendo as vezes de censor, criticando-lhe o pensamento e a produção intelectual. Estava cercado. Precisava escapar, inclusive dele próprio.

"(...) o mundo era feito de dois lados inimigos: nós e os outros, que nos controlavam". (op.cit.: 43).

Não concordando com o regime de apartheid vigente na África do Sul, a família Perls transfere-se para os Estados Unidos, instalando-se em Nova York. Data desta época o início do seu convívio com Paul Goodman, intelectual americano anarquista, figura polêmica e por demais importante para a abordagem gestáltica, principalmente na área da educação – Gestaltpedagogia.

Novamente em contato com interlocutores, e ainda considerando-se psicanalista, Fritz Perls publica o seu primeiro livro "Ego, hunger and aggression",

uma versão bem mais elaborada daquele trabalho apresentado no congresso de Praga.

Apesar de já estar caminhando a passos largos rumo à construção de uma nova psicoterapia, as marcas do nefasto contato com Freud perseguem-no até o fim da vida. Perls dedica-se, desde lá, a contrapor-se ao "ex-mestre", não podendo fazer uma distinção do que concordava/discordava na teoria psicanalítica. Vive, agora, uma briga interna com Freud que, além de vitalícia, extrapola nitidamente o campo do profissionalismo. Não era das idéias daquele que ele discordava. Era o desprezo e abandono que lhes eram impossíveis de suportar, a ponto de cegar-lhe diante da sua implicação e implicância com este "outro pai".

*"(...) no fim já não sabia onde ficava a verdade naquela trama de medos".
(op.cit.: 39).*

Fazendo parte agora da elite intelectual americana, Fritz Perls, juntamente com Paul Goodman e Ralph Hefferline, publicam o livro "Gestalt-therapy" em 1951, sendo este o grande rito de iniciação da Gestalt-terapia. O livro, como toda a produção intelectual de Fritz, conta com a inestimável colaboração de Laura, fato que ele jamais haveria de admitir. Goodman, após a sua morte, reconhece em Laura Perls o contraponto de Fritz. Ela organizava, pensava, articulava. Ele divulgava, demonstrava.

Entre 1946 e 1956, vários institutos de Gestalt-terapia foram criados por Perls nos Estados Unidos, ficando o de Nova York sob a orientação e administração de Laura e Goodman. Muitos gestalt-terapeutas foram treinados

nesta época. Fritz agora começa a ser reconhecido como o criador da Gestalt-terapia.

E o fantasma de Freud? Este jamais deixou de perseguí-lo. A psicoterapia que ele praticava, diferentemente da de Laura, era uma contraposição clara à psicanálise. Melhor dizendo, a Freud. Arriscamos afirmar que, por medo e raiva de Freud, sentindo-se humilhado perante ele e toda uma comunidade de psicanalistas, Fritz precisava negar Freud e sua psicanálise, muito mais do que afirmar-se e à sua Gestalt-terapia.

"Com os anos, a dor da orfandade passou. (...) mas nunca deixei de ter medo do meu pai".
(op.cit.: 35).

Em 1962, e até 1964, Fritz Perls vagueia pelo mundo, acompanhado apenas de uma forte crise pessoal. Nesta época, aos sessenta e nove anos, passa dois meses num mosteiro budista no Japão e um mês num kibutz em Israel. Lança mão de todos os recursos a que tem acesso, usando diversos tipos de drogas, bebidas e tudo que pudesse "lhe tirar da angústia".

"(...) nem o vinho consegue lavar esse cascalho em minha garganta". (op.cit.: 56).

As experiências transcendentais e psicodélicas não lhe satisfazem e ele retoma o vigor pessoal para continuar a lida.

Radica-se no Esalen Institute (Big-Sur/Califórnia), promovendo seminários de demonstração e formação em Gestalt-terapia. Torna-se célebre por volta de

1968, já aos setenta e cinco anos de idade. Seus alardeantes treinamentos, todos filmados, transformam-se no livro “Gestalt-terapia explicada”, publicado em 1969.

"Ele ri alto, fala alto, para disfarçar o coração cansado e gasto". (op.cit.: 27).

Fritz, porém, ainda consegue alimentar um sonho: fundar uma comunidade gestáltica. Uma espécie de gestalt-kibutz, que, segundo ele, funcionaria melhor do que qualquer psicoterapia. Agora, na maturidade, é chegada a hora. Ele está disposto a parar ou talvez não consiga mais vislumbrar um caminho para trilhar.

Muda-se para o Canadá, cria a comunidade. Reina pleno e absoluto, impondo suas leis. Vive, enfim, tranqüilo, como que sugado pelas suas fantasias, seus sonhos de criança.

"Talvez essa vida tão estreita tenha multiplicado minhas fantasias. Nessa dimensão eu realmente podia viver: a do sonho". (op.cit.: 37).

Em 14 de março de 1970, aos setenta e sete anos, morre o velho Fritz, vítima de um enfarte do miocárdio. A necrópsia acusa também um câncer de pâncreas, doença que ele em vida nunca soube da existência.

O nômade morre "em trânsito", quando de uma viagem a passeio pela Europa.

"Que estranho (...) no rosto que envelhece, a expressão de um menino, infinitamente magoado e solitário". (op.cit.: 81).

Da sua vida, muito falou. Que fez, porém, do sentimento infinitamente grande de desamparo e desassossego que o acompanhava desde sempre? De Freud sempre falou muito mal, até escreveu. E onde lançou a tristeza e a decepção pela impossibilidade de um encontro com este pai **escolhido**? Talvez, e é bem provável, sua frustração haja sido depositada na rejeição a qualquer forma de teorização acerca de seus feitos. A certeza, esta não nos cabe tê-la.

*"(...) queria guardar só para si
qualquer lembrança: pobre tesouro".
(op.cit.: 34).*

Não conseguia Fritz Perls passar despercebido, onde quer que fosse ou estivesse. Contraditório, é ele próprio o paradoxo: como alguém tão amargo e sofrido, pôde haver formulado e praticado uma forma de psicoterapia tão leve e vitalizante?

3.2. LAURA PERLS: A mãe-sedentária⁹

"Uma existência segura...
"(LUFT, 1991:17).

Em 1905, na Alemanha, nasce Laura Posner. Filha querida de uma família protetora e encorajadora, Laura é educada segundo os critérios da burguesia, porém gozando de um incontestável respeito às suas escolhas e de um total estímulo ao desenvolvimento de seus valores mais próprios.

Com nítido interesse nas artes, Laura freqüentava aulas de piano desde os cinco anos de idade, sendo, aos dezoito, pianista profissional. Além do piano, dedicava-se também à dança moderna. Considerada bastante ousada, situa-se como uma "desbravadora". Seus feitos artísticos encontram o equilíbrio no seu desenvolvido nível intelectual.

Um dos seus maiores atos de insubordinação é o ingresso na universidade, onde graduou-se em direito. Nesta época em que as mulheres não freqüentavam a escola, Laura não apenas o fez, como foi a laureada de sua turma, sendo ainda a única mulher de toda a universidade.

Sua inteligência brilhante, aplaudida e incentivada pelos pais, fizeram-na poliglota, dominando com maestria o latim, o grego, o francês e o inglês, além do alemão, sua língua-mãe. Conhecendo a diversidade, sendo sensível, torna-se escritora.

Este talento, no início de sua vida encarado como distração, virá a ser fundamental para a organização e divulgação escrita da Gestalt-terapia.

⁹ Sedentária é um termo elaborado e utilizado por BENJAMIN, W. In: *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras escolhidas).

Interessada pelo sofrimento humano, Laura opta por praticar a psicanálise. Estudante dedicada, é aluna de mestres como Kurt Goldstein, Martin Buber e Paul Tilich. Sua tese de doutoramento é na área da “Psicologia da Forma” (Escola Clássica da Gestalt), tendo estudado diretamente com Kurt Wertheimer, principal representante deste importante movimento.

Quando aluna de Goldstein é apresentada a Fritz Perls, então assistente deste, num curso de Psicologia que ambos freqüentavam. Enquanto Laura conhece a teoria organísmica desenvolvida por Kurt Goldstein, estudando-a profundamente, Fritz a pratica, apropriando-se dela desta outra forma. Ambos, sem ao menos se conhecerem, faziam semelhante percurso, cada qual por um caminho bem diverso.

Em 1930, quatro anos após seu primeiro encontro, Fritz e Laura se casam. Mais um ato de rebeldia da agora Laura Perls, não compreendido, mas, a despeito de todos os outros, respeitado. Era difícil para seus pais aceitar como pessoas com interesses tão diferentes, com uma compreensão de mundo e de vida tão dissemelhantes pudessem vir a se unir. Seria a tensão que atrai e une os opostos ou os ilude com a possibilidade de completude?

"Por que teria casado com ele? O que teriam visto um no outro? O que buscariam ainda, em tantos anos de convivência difícil?". (op.cit.: 62).

Curiosamente, a mulher ousada e corajosa aquietar-se, acomodando-se aos papéis de esposa, dona-de-casa e mãe. Laura dedica-se à família, não exigindo de Fritz que assuma seu lugar como pai e marido.

"Teremos o direito de querer que ele se cure, que entre na realidade?(...)". (op.cit.: 21).

A sensibilidade de Laura a faz perceber a incompetência emocional de Fritz e a sua impotência perante a família que eles estavam construindo. Ele não havia conhecido a clareza na definição dos papéis familiares e ela o respeitava na sua limitação. Para Laura, que tinha modelos claros de família, era natural exercer o papel de mãe. Apesar disto, a relação dela com Fritz não parece haver sido muito definida, deixando campo livre a especulações.

Estava ela, agora, retornando ao seu lugar de mulher, de onde jamais deveria ter saído? Seria este processo que fazia com que Laura Perls se contentasse em ser a sombra de um marido famoso?

Não percebemos com muita clareza o que motiva Laura a submeter-se à desconsideração de Fritz. É referido, a nível especulativo, que os grandes escritos da Gestalt-terapia sejam de sua autoria, embora quando publicados exibam Fritz como único autor. O primeiro livro, "Ego, hunger and aggression", tem dois capítulos cuja autoria é de Laura, tendo isto sido referido quando o livro foi publicado na África. Quando sai uma nova edição, agora nos Estados Unidos, seu nome é omitido por orientação de Fritz.

"(...) é dos serviços dela que ele precisa(...)". (op.cit.: 44).

Grande perda para a Gestalt-terapia esta omissão de Laura, pois, perfeccionista que era, certamente seus escritos em muito contribuiriam para

melhor compreensão desta abordagem. Seus textos são reconhecidamente importantes para a comunidade gestáltica, pecando apenas pela escassez.

Despreocupada em "se mostrar", Laura desenvolve uma Gestalt-terapia da relação, do contato e do suporte. Porém, difícil aceitar, nos bastidores. Além do profundo nível de suas reflexões e das incontestáveis contribuições teóricas à Gestalt-terapia, ela põe em prática estes conceitos nas suas relações, principalmente com Fritz, demonstrando compreender a sua insaciável necessidade de "estar no palco" e ser reconhecido.

Enquanto ele viveu, ela o **acompanhou**, de forma silenciosa e marcante.

"Eu brincava assim: (...) de não ser eu" (op.cit.: 15).

Sempre quieta, Laura viveu o que pregou, criou raízes, deixou marcas. Viajou pouco, preferindo ficar a maior parte da sua vida em Nova York, onde firmou o lastro para a sustentação da Gestalt-terapia, com seu jeito manso e acolhedor e seu olhar perspicaz e compreensivo.

"(...) talvez tudo seja assim: pleno das pulsações de uma vida que não se vê". (op.cit.: 23).

Sua importância para a Gestalt-terapia custou a ser explicitada, embora já reconhecida, possivelmente em respeito à sua escolha por ficar "por trás das cortinas", apenas assumindo seu papel num discreto e modesto "palco", após a morte de Fritz.

Quem era, verdadeiramente, essa enigmática mulher?

Especulações nos autorizamos fazer: Laura compreendia Fritz, respeitando-o em suas necessidades que incluíam desprezá-la?

*"Ela o trata com paciência ilimitada".
(op.cit.: 55).*

Ou apenas o tolerava e às suas carências?

"Finjo ignorá-lo mas ele me incomoda". (op.cit.: 49).

Após a morte dele, ela assume o comando da Gestalt-terapia. Teria ocultado permanentemente esta vontade, por não querer competir com ele? Qual o seu lado legítimo? A mulher submissa escondeu a intelectual assumida ou esta última foi acorrentada pela outra?

"Era a liberdade, essa transparência. Era o poder. Meu lado avesso, esconjurado, Começava a ser legítimo". (op.cit.: 37).

Laura Perls pareceu viver o seu avesso. De tudo o que investiu na sua formação, pouco se fez conhecer ou desejou mostrar. E nos surpreende mais uma vez, agora que lhe é apontada a possibilidade da grande revelação, não abrindo mão de ser senhora de sua palavra. Ou de seu silêncio.

"Ou ficarei calada: certas coisas é melhor não comentar". (op.cit.: 65).

Laura Perls viveu vinte anos a mais que o velho Fritz, havendo falecido em 1990, contando então com oitenta e cinco anos. Sedentária que foi, optou por passar os últimos dias da sua vida na pequena cidade alemã onde havia nascido, como que para fechar com precisão o ciclo da vida.

3.3. O LUGAR DOS PAIS¹⁰: contexto e organização da Gestalt-terapia

A Psicologia é uma ciência por demais jovem, trazendo em sua origem paradoxos, contradições e dicotomias, tanto no que se refere ao seu papel de estudiosa dos fenômenos psíquicos, quanto ao seu campo prático de atuação. Sendo o resgate histórico uma excelente forma de compreensão de um conhecimento, optamos proceder a este, recolocando a Gestalt-terapia, com sua origem, organização e divulgação, no percurso deste cenário maior.

Conforme nos atesta Morato (1999):

*“A história da Psicologia até meados da década de trinta, percorria dois caminhos paralelos: enquanto **ciência** (teoria), estudo dos fenômenos psíquicos (introspeccionismo) e do comportamento (behaviorismo), mantinha um status acadêmico; enquanto **aplicação** (prática), desenvolvimento e uso de testes psicológicos (psicometria)” (p. 62).*

O tratamento e a intervenção eram atribuídos especificamente ao médico, o que deixava esta ciência numa posição bastante desconfortável: estudava e compreendia o comportamento humano, mas não podia agir sobre ele. Cada vez mais consciente de que a teoria e a prática precisavam caminhar juntas, a Psicologia denuncia a impossibilidade da neutralidade científica e da não contaminação do sujeito pelo objeto, exigindo agir **com** o homem e não apenas **sobre** o homem.

¹⁰ Lugar, aqui, tem dois sentidos diferentes e complementares: o contexto de origem da Gestalt-terapia (localização têmporo-espacial) e o papel de Fritz e Laura Perls na organização da “família”.

“Num pólo está a Psicologia como ciência, devotada à descoberta de conhecimentos básicos e restrita à área acadêmica. Buscando converter tais descobertas em procedimentos técnicos que pudessem ser utilizados, encontra-se, no outro pólo, o campo da aplicação nas práticas de psicólogos (testes e medidas diagnósticas) que, como apoio, intermediassem esses conhecimentos para o exercício e prática no contexto médico (tratamento, cuidado e cura), o contraponto” (id.:68).

O que percebemos é que a tentativa de aplicabilidade da Psicologia ainda estava bastante apartada da sua teorização. Quando a Psicanálise começa a ser exercida se vislumbra uma possibilidade de interseção da teoria com a prática, ou seja, é a prática que, clamando pela teoria, a origina e alimenta, dela igualmente se nutrindo. Neste período, estudiosos da Psicologia preocupavam-se em tematizar os acontecimentos advindos da prática clínica, sendo a teoria a parte fundamental na formação dos seus profissionais. Tendo agora as atenções voltadas para a teoria e para a explicação teórica dos acontecimentos advindos da clínica, a Psicologia é novamente chamada a um outro lugar, visto que o panorama cultural passa a ser o pós-guerra. A destruição do mundo, do homem e de seus valores, incita o homem a buscar outras formas de cuidar do próprio homem.

“A Psicologia recoloca, para seu cientista e seu profissional, o dilema de antigas questões, visando dar conta da experiência humana nessa situação de transformações sociais intensas” (ibid.:74).

Com este pano-de-fundo, a forma irreverente e ousada da Gestalt-terapia, mais que aceita e compreendida, era exigida e necessária. Não sem intenção, esta abordagem é referida pelo seu criador como anarquista e holística. O "clima" do momento era o da revolução de costumes, de desacato aos padrões vigentes

e de criação de novos valores, adequados às exigências impostas pela nova sociedade. O mundo clamava por liberdade com seus movimentos hippie e de contracultura, numa tentativa de destruir a destruição, sem ao menos saber como nem ter motivações para. Pelos paradoxos que o mundo vivia, seria mais que esperada a importância atribuída pela sociedade a esta abordagem psicoterápica e à sua visão progressista de individuação e respeito ao humano.

“Nas sociedades do pós-guerra, a situação de destruição do mundo apontava a necessidade de construção de nova ordem social, política e econômica, tanto concretamente quanto de valores. Urgia redimensionar sua cultura e seu passado, fragilizados e desiludidos pela destruição (...) Sociedades e pessoas precisavam se reconstruir” (Morato, 1999:73).

Além da natural receptividade a este estilo de pensar e agir, a forma como foi divulgada a Gestalt-terapia por Fritz Perls contribuiu fortemente para sua rápida disseminação e aceitação pelo público, ávido por novidades e condescendente com tudo aquilo que agisse a seu favor, especialmente o que assim o fizesse de forma clara e explícita.

Fritz Perls viveu a vida com a clareza da sua simplicidade e finitude. Sua psicoterapia haveria de ser a “abordagem do óbvio”, como ele próprio costumava defini-la, primando por dedicar-se à realidade humana, a parte (ou todo?) que nos é constitutiva e constituinte e cuja exposição dilacera, por ser “carne viva”, imponderação e incoerência e que, por isso mesmo, é negada, disfarçada ou maquiada por grande parte das pessoas. Perls, contrariando o ansiado “bem-estar” que estes artifícios poderiam vir a trazer, afirmou a vida com sua falta de exatidão e precisão, desprezando a vil necessidade humana de desperdício do humano.

Coragem, ousadia, loucura, naturalidade? Tudo e nada, ao mesmo tempo.

Perls e a sua Gestalt-terapia são acusados de trabalharem apenas com as aparências, o banal. O óbvio, contra-argumentaria, é banal, pois banal é a vida, a experiência humana. O óbvio-banal é o que se nos aparece, o possível de ser visto. E continuaria: o visível e o "nem tanto" se confundem no final.

*"A gente agarra coisas
banais, querendo segurar a vida".
(LUFT,1991: 18)*

Estaria Fritz Perls apenas tentando "segurar a vida"? Óbvias as suas definições, simples sua maneira de narrá-las. O suficiente para causar estranheza, provocar desconfianças, trazer descrenças, **mal-ditos**.

A Gestalt-terapia de Laura Perls, mais silenciosa, não contemplava **explicitamente** nem demonstrava acalentar os anseios da humanidade neste então conturbado mundo. O óbvio se delineia: A Gestalt-terapia construída por cada um dos Perls se reveste de sentido quando remetida ao contexto de suas vidas e da percepção individual do contexto maior. Nada de novo: nossos textos são construídos num contexto, fora do qual deixam de ser. Há uma intenção e um interesse em cada texto humano. E é por isto que o "escritor" se coloca num lugar estratégico no momento em que vai narrá-lo, assumindo, tanto no plano público quanto no privado, o seu **lugar**.

IV. A NARRATIVA DOS FILHOS

4.1. Um pouco sobre o processo da narrativa

Ao caracterizar Fritz como viajante e Laura como sedentária, nós os colocamos como narradores - conforme formulação de Benjamin, 1985 - tendo a Gestalt-terapia nos chegado quase que completamente via relato oral.

A **re-vista** denuncia nossa necessidade de des-velamento da Gestalt-terapia, cuja via escolhida é a da narrativa. A cultura ocidental, com sua forma ainda positivista de pensar, é exigente, considerando científico o que seja comprovável, explicável, justificável. Conhecimentos que não se adequem a estes moldes são invalidados ou, no mínimo, desrespeitados. O que era justo, não cabe na nova medida. Apesar de ainda cobrar exatidão e especialização, a proposta da sociedade atual já inclui a premência de diálogo com outros campos do saber, pela consciência de que nenhuma forma de conhecimento, sozinha, dá conta da complexidade do Homem. Neste cenário de transformação, onde nem somos mais, nem tampouco já deixamos completamente de ser, percebemos que “a arte de narrar está quase em vias de extinção”, conforme afirma Benjamin (1985:197).

“Sei que a arte é irmã da ciência, ambas filhas de um Deus fugaz que faz num momento e no mesmo momento desfaz..” (Moreira, 1995.)

O convite de Benjamin parece ser a assunção de atitude de distanciamento e contemplação para com o narrador e sua admirável habilidade. Embutidos na arte do narrar estariam a arte e a ciência em eterna posição de contemplação e prestígio à diferença, a saudável manutenção da multiplicidade. Narrar algo seria a simples continuação do viver, transpondo agora ao âmbito público o que antes fôra exclusivo do privado. Trata-se de trocar com o outro, "intercambiar experiências", nas palavras de Benjamin (idem: 198).

A narrativa é uma reprodução da própria vida, sendo o ato de narrar um ato vivo. Narrar é contar algo a alguém que ouve de forma atenta e/ou casual.

Passar a experiência pressupõe tê-la vivido e, para Benjamin, há dois grupos de "vivos" que representam com plenitude a narrativa: o viajante, cujo representante arcaico é o marinheiro, e o sedentário, primariamente conhecido como artesão. Estas pessoas passam suas experiências às outras, sendo sua marca "ter-se ido" ou "ter ficado".

O que foi aventurar-se traz consigo a diversidade, a pluralidade, a novidade. O que ficou, aprofundou, aprendeu tradições, as transformou. Apesar de haverem percorrido caminhos opostos, virão a trabalhar, viajante e sedentário, na mesma oficina, esta representando a (in) completude do viver.

Ao paradoxo dos opostos, Benjamin esclarece que o mestre sedentário já foi um aprendiz migrante e reforça ainda que

"a extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levamos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos" (ibid: 199).

Benjamin refere-se ao viajante e ao sedentário como duas grandes famílias de narradores, tão distintas entre si quanto necessárias. Porém, explicita a

importância da interpenetração posterior de ambos os tipos, pondo-os a trabalhar numa mesma oficina.

A arte de narrar, desta feita, fôra iniciada pelos viajantes e aperfeiçoada pelos sedentários. A importância de um não se sobrepõe à do outro, visto que são, na verdade, múltiplos e unos simultaneamente.

O vivido-narrado é, assim, construído na relação homem-mundo, esta refletindo a aceitação sem aprisionamento. O homem aceita o mundo mas não se faz submisso. Ao contrário, usufrui do que lhe é dado, sem abrir mão das escolhas.

Ao narrar sua aceitação do mundo, o homem a faz pela via do senso prático e da dimensão utilitária da narrativa. O que é transmitido por ter sido experienciado, vai agir naquele indivíduo que ouve como um "conselho", servindo-lhe na sua vida concreta, na mundanidade cotidiana.

O "conselho" é, para Benjamin, tecido no contexto do diálogo, tendo ambos os dialogantes exposto suas histórias, autorizando o parceiro à sugestão da continuidade. As falas surgidas **do, no e para** o diálogo são produzidas **durante** o mesmo, vindo sempre impregnadas do que foi verdadeiramente escutado da fala do outro. O conselho, pois, não é uma informação externa, uma norma preestabelecida ou uma fala pronta, vez que é construído no momento exato da relação. Ele é, isto sim, a própria existência dos dialogantes.

Aconselhar não é responder a uma pergunta, pois sequer esta existe. Aconselhar é continuar a conversa, compreendendo seu objetivo, respeitando seu ritmo. E por haver sido gerado no próprio diálogo, o conselho é algo que surpreende, tendo como característica a ausência de explicação. O conselho, por si só, já é explicação. Esta peculiaridade é melhor compreendida quando

esclarecida a diferença que Benjamin (1985) expõe acerca da narrativa e da informação. Na narrativa, diz ele:

“O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” (p. 203).

A narrativa mantém sua força através do tempo, suscitando a curiosidade e o espanto, aliados à liberdade de reflexão e interpretação. Já a informação só é valorizada quando nova e apenas *“vive neste momento, precisando entregar-se inteiramente a ele e, sem perda de tempo, tem que se explicar nele”*. (id.: 204).

A informação paga o preço da explicação verificável, enquanto que a narrativa preocupa-se, não com a exatidão cronológica dos fatos, mas com a força com que estes se inserem no fluxo da vida. Sempre há vidas pulsando. Sempre há algo a ser narrado.

“(...) ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si. Em todo caso, ele deixa reminiscências (...)”. (ibid.: 212).

4.2. A NARRATIVA DOS ENTREVISTADOS

O grupo de entrevistados foi composto por três pessoas, sendo todos professores e psicólogos clínicos atuantes em consultório. Foram escolhidos por serem profissionais reconhecidos nacional e internacionalmente, tanto pelos seus escritos como pelas palestras que proferem. Como pensadores, transmissores e praticantes da Gestalt-terapia, ainda são responsáveis por algumas traduções de textos da abordagem, demonstrando uma preocupação em fundamentá-la.

As entrevistas ocorreram em forma de diálogo, não se caracterizando como um questionário de pergunta-resposta. Após explicar o objetivo e o propósito do trabalho, lancei a seguinte pergunta disparadora: “Como você percebe a Gestalt-terapia enquanto corpo teórico?”.

A primeira interlocutora, Lilian Frazão, é uma das pioneiras da Gestalt-terapia no Brasil, portanto integrante da **primeira geração**. Professora da USP e ex-professora do Instituto Sedes Sapientiae é uma das coordenadoras do I Curso de Pós-Formação em Gestalt-terapia do Brasil.

Iniciou nossa conversa referindo-se à importância deste meu trabalho, lembrando ainda a necessidade da produção de outros desta natureza, pois contribuem significativamente para o esclarecimento da teoria e da prática da Gestalt-terapia.

O seu depoimento, exposto a seguir, passou por uma série de revisões, tendo a versão final autorizada para utilização neste trabalho, o título “O fundo dá sentido à figura”.

O segundo entrevistado, Luiz Alfredo Lilienthal, é professor universitário, fazendo parte do corpo docente do Instituto Sedes Sapientiae. Sua dissertação de Mestrado abordou a Gestaltpedagogia, área da abordagem gestáltica que lida com ensino/aprendizagem, e que é muito bem representada por ele no Brasil. Por ter ascendência alemã, dominando fluentemente tanto esta língua quanto o inglês, tem acesso às obras da Gestalt-terapia e da Psicologia de uma maneira geral nos originais, o que reflete, sem dúvida, na sua percepção dos motivos da **mal-dição**. O seu relato sintetizado leva o título de “Sedimentar, refletir, divulgar”.

A terceira e última entrevistada, Myriam Hoffman, é professora e coordenadora dos cursos de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae, lugar onde atua na divulgação coerente e cuidadosa da Gestalt-terapia. Trabalha também como gestalt-terapeuta em consultório particular. Sua entrevista é identificada pelo título “A doceria”.

4.2.1. LILIAN FRAZÃO: o fundo dá sentido à figura

“Grande parte dos gestalt-terapeutas se esquecem de um fato que não pode ser esquecido para se compreender Gestalt-terapia. É que Fritz Perls tornou-se gestalt-terapeuta em torno de 1950, com mais de cinquenta anos de idade. Antes disso, ele era analista e fundou o Instituto Sul Africano de Psicanálise. Isso quer dizer que ele tinha um conhecimento, no mínimo razoável, acerca da Psicanálise. Este é seu ponto de partida e todos nós sabemos que nenhum ser humano, em qualquer momento da vida, consegue apagar por completo seu conhecimento e começar do zero. Seria maravilhoso se isso fosse possível, pois jogaríamos fora todas as antigas experiências que nos fazem sofrer. Isto é impossível! Aliás, este é justamente um dos pressupostos da Gestalt-terapia: a noção de “fundo”, no qual a experiência está contida. O fundo de Perls era a Psicanálise, e isto é fundamental, inclusive pela pertinência e precisão das suas críticas a esta abordagem. Porém, é necessário cautela ao se ler os seus escritos, pois é primordial ser feita a discriminação do que é crítica à Psicanálise daquilo que é crítica à pessoa de Freud.

Outro fato marcante na Gestalt-terapia é a questão da experiência. Isto faz com que nós, terapeutas, precisemos de um cuidado especial com o tipo de experiência e de relação que temos com nossos clientes. Essa relação tem objetivos definidos, é limitada no tempo de duração e, paradoxo interessante, é a única relação cuja meta não é ficar junto, mas sim se separar.

Outro fato que contribuiu para uma compreensão da Gestalt-terapia é que seu livro básico, o “Gestalt therapy”, só foi publicado no Brasil há dois anos, devido a dificuldades na aquisição dos direitos autorais.

*Outro problema: a primeira geração de gestalt-terapeutas, a que teve contato direto com Fritz Perls, também tinha uma longa experiência com Psicanálise. Era composta por analistas ou por pessoas que haviam sido pacientes de análise ou de psicoterapia durante muito tempo. O que Perls fazia com eles nos workshops era demonstrações, que não podem ser compreendidas da mesma maneira como se compreende **psicoterapia**. Porém, as pessoas acharam que aquelas demonstrações eram a terapia proposta por Fritz Perls. Um leitor ou observador mais cuidadoso pode perceber que na forma de trabalhar de Perls há uma concepção teórica, advinda da sua experiência como analista. Não só, mas também.*

A Gestalt-terapia tem um corpo teórico, sim. Porém, para compreendê-lo, é muito importante que se conheçam alguns dos conceitos da Psicanálise. O “Gestalt therapy”, quando bem estudado, traz um belíssimo corpo teórico, com explicações claras, que precisam ser lidas com cautela e com algum conhecimento de Psicanálise. Por exemplo, considero ingenuidade se afirmar que o gestalt-terapeuta não trabalha com o passado. Isto seria negar o fundo, a história de vida da pessoa, sua localização têmporo-espacial. Quando Perls e Goodman dizem que ‘os sentimentos infantis não são importantes como um passado que deve ser desfeito, mas sim, como alguns dos poderes mais belos da vida adulta que precisam ser recuperados: espontaneidade, imaginação, exatidão da awareness e manipulação’ e acrescentam que ‘o conteúdo da cena recuperada é bastante sem importância, mas o sentimento e a atitude infantis que

viveram a cena são da máxima importância', eles afirmam que o passado é considerado na recuperação da espontaneidade e criatividade. Isto está na página 105 do 'Gestalt-therapy'.

Acho que há uma outra questão importante: quando Perls estava se desligando da Psicanálise e começando a buscar novas propostas, isso foi ao longo da década de 40, alguns psicanalistas britânicos, os chamados pós-freudianos, estavam introduzindo uma grande mudança na compreensão psicanalítica do ser no mundo das pessoas. Enquanto Freud e Melanie Klein tinham como ponto de partida a teoria das pulsões, alguns pós-freudianos mudam isso ao dizer que a questão fundamental é a relação com o outro. Esta mudança não pode ser encarada como sem importância, pois isto significa que todo processo de desenvolvimento precisa ser pensado e visto a partir da relação. Não é mais a satisfação da pulsão que é fundamental, e sim, a relação. Alguns gestalt-terapeutas contemporâneos 'pegam esta gancho' e vão enfatizar, na Gestalt-terapia, a relação. Os que consideram apenas a questão da experiência, do vivido, precisam compreender que o fundamental que precisa ser vivido, é a experiência relacional autêntica com o outro e compreender que essa relação só é possível tendo a história da pessoa como pano de fundo, tanto para compreender o estar no mundo dela, quanto o ser no mundo dela. E só se pode compreender o estar no mundo de uma pessoa tendo uma idéia da sua história relacional, dessa pessoa no mundo.

Talvez haja tão poucos livros de Gestalt-terapia, em parte porque as pessoas acham sua teoria muito simples, não havendo o que escrever, mas sim, o que fazer.

É importante também frisar que alguns gestalt-terapeutas compreendem que as defesas e resistências dos seus clientes precisam ser eliminadas. Eu defendo que defesas precisam ser respeitadas enquanto forem necessárias.

Há muitos anos, cheguei a pensar que a Gestalt-terapia era apenas um método de psicoterapia, mas vi que estava absolutamente enganada. Apesar de não entender de Filosofia, compreendo que há uma concepção diferente de homem e mundo para as diferentes abordagens de psicoterapia e nossa concepção enfatiza o homem enquanto sujeito. O homem tem o poder de escolher e eu penso que nossa profissão fala disso. Quando o paciente nos procura ele está fazendo uma escolha. Ele, possivelmente, está tentando mudar algo em si, está em busca de uma mudança e, ao procurar a psicoterapia, ele faz uma escolha de mudar. Para mim, o que muda, o grande fator de mudança é a própria relação e a compreensão daquela pessoa, da sua experiência de vida.

A questão da Gestalt-terapia ser vista como carente de embasamento teórico não é simples de compreender, porque está permeada por várias nuances. Uma das questões mais significativas no Brasil, é que os bons livros desta abordagem estão começando a ser traduzidos mais recentemente. E, infelizmente, o primeiro que foi traduzido, o 'Tornar-se presente', de John Stevens, dá a impressão de que a Gestalt-terapia é apenas um conjunto de técnicas e experimentos. Eu, por exemplo, raramente uso experimentos. O único experimento que eu uso, sempre, sempre, é a relação terapêutica. Parafraseando Marina Ribeiro, a relação terapêutica é, ela própria, o experimento. O grande trabalho terapêutico é resgatar a novidade do estar no mundo, e, mais precisamente, o ser no mundo.

Um fato que vale a pena ser ressaltado é o que os pós-freudianos têm idéias que se assemelham muito às dos gestalt-terapeutas, o que me parece extremamente salutar, pois vitaliza o diálogo com o diferente.

A visão de homem que eu tenho é deste enquanto sujeito da sua existência e não como assujeitado, simplesmente. É um homem que está sempre em busca de crescimento, pelo menos do ponto de vista da saúde. Para mim, o melhor e mais bem elaborado conceito da Gestalt-terapia é o de 'ajustamento criativo'. É a grande genialidade de Perls e Goodman. Baseando-se nesse conceito, sabe-se que a patologia é originalmente uma forma de ajustamento criativo. Quando a interação do sujeito com o meio é obstaculizada por alguma razão, ele tem que se ajustar a limitações, em especial no momento em que o ser humano depende de um outro, que é a situação do bebê e da criança, ou seja, o momento em que o ser inaugura um processo de ser e estar que é a vida. O sujeito faz então esse ajustamento da maneira mais criativa possível. Suprimir a espontaneidade, por exemplo, pode ser um ajustamento criativo necessário. Não existe desajustamento. Existe, sempre, um ajustamento criativo. A dificuldade é quando esse ajustamento se cristaliza, ou seja, quando o funcionamento não propicia crescimento, não promove mudanças, não nutre a relação com o outro.

Eu não tenho a visão romântica de que o terapeuta não diagnostica o seu paciente. Se uma pessoa paga um psicoterapeuta durante um longo tempo, por estar com um problema que está dificultando sua vida, é óbvio que ela acredita que esse profissional sabe algo a mais e que vai poder lhe ajudar. Há valores aí embutidos, e esses valores nos perpassam o tempo todo. Na relação terapeuta-paciente, o primeiro é autoridade no assunto 'psicoterapia' e o segundo quase nunca sabe alguma coisa a esse respeito, mas sabe muito bem daquilo que está

sentindo. Eles estão em posições diferentes. Isto não quer dizer que do ponto de vista de ser no mundo, eles não possam desenvolver uma relação simétrica. Saúde, para mim, é a capacidade de estabelecer relações simétricas com o outro diferente de mim. Porém, simetria não é igualdade.

Se uma pessoa é psicótica, isto não descreve a pessoa. Para poder descrevê-la, o fundamental é saber como essa pessoa é, a serviço do que está essa psicose, como foi seu desenvolvimento, sua herança genética, etc. Acho que as categorias nosológicas, os tão temidos rótulos, facilitam a vida, criam uma possibilidade de comunicação interdisciplinar.

Quando alguns gestalt-terapeutas dizem que a Gestalt-terapia não tem corpo teórico, eu imagino que eles pensem que o que faz a pessoa crescer em psicoterapia é o experimento que ele, psicoterapeuta, promoveu. Aí entra uma grande confusão, quando se pensa que, só por se haver feito algo e isto ter dado certo, é mágico, e que isto é possível sem uma compreensão da teoria.

Outra questão fundamental é que, como tudo o que é novo, a Gestalt-terapia traz consigo a noção errônea de que veio para simplificar o antigo. O raciocínio é igual àquele que temos quando compramos um eletrodoméstico mais moderno: o de que vai nos facilitar a vida, nos dando menos trabalho. Não acredito que isto possa vir a funcionar na Psicologia”.

4.2.1.1. COMPREENDENDO A NARRATIVA DE LILIAN FRAZÃO

No começo do seu depoimento fica evidenciada a importância que ela atribui ao fato da Gestalt-terapia ser oriunda da Psicanálise, ilustrada através da relação **figura-fundo**, conceito sobre percepção advindo da Escola Clássica da Gestalt, com grande importância para a Gestalt-terapia, e que defende que a pessoa que percebe não é um alvo passivo para um bombardeamento sensorial originário do meio ambiente, mas que ela estrutura, seleciona e impõe uma ordem às suas percepções. Basicamente, esta organiza as percepções do fluxo sensorial recebido na experiência primária de uma **figura** sendo vista ou percebida, contra um background ou **fundo** que lhe dá sentido.

“Grande parte dos gestalt-terapeutas se esquecem de um fato que não pode ser esquecido para se compreender Gestalt-terapia. É que Fritz Perls tornou-se gestalt-terapeuta em torno de 1950, com mais de cinquenta anos de idade. Antes disso, ele era analista e fundou o Instituto Sul Africano de Psicanálise. Isso quer dizer que ele tinha um conhecimento, no mínimo razoável, acerca da Psicanálise. Este é seu ponto de partida e todos nós sabemos que nenhum ser humano em qualquer momento da vida, consegue apagar por completo seu conhecimento e começar do zero. Seria maravilhoso se isso fosse possível, pois jogaríamos fora todas as antigas experiências que nos fazem sofrer. Isto é impossível! Aliás, este é justamente um dos pressupostos da Gestalt-terapia: a noção de ‘fundo’, no qual a experiência está contida”.

Assim, ela considera que, em sendo a Psicanálise o *fundo* da Gestalt-terapia, é necessário para criticá-la partir-se deste seu referencial de origem.

“O fundo de Perls era a Psicanálise e isto é fundamental, inclusive pela pertinência e precisão das suas críticas a esta abordagem”.

A referência à base de Fritz Perls como sendo a Psicanálise é de suma importância, essencialmente porque sua relação de amor e ódio, tanto com a Psicanálise quanto com o próprio Freud, teve forte influência na construção teórico-prática da Gestalt-terapia. Tal influência fica claramente evidenciada, fazendo-se perceber nitidamente através das afirmativas de Fritz, o tipo de relação que ele estava tendo com este referencial primeiro. Na criação da Gestalt-terapia, esta se apoia fortemente na Psicanálise, apenas criticando alguns conceitos como o privilégio ao sexo dado por Freud, quando, para Fritz, a fome e a agressão tinham papel tão ou mais importante na constituição humana. Fritz, ainda psicanalista, discorda de alguns conceitos da Psicanálise freudiana, enfocando que sua crítica fundamental era à prática psicoterápica psicanalítica, considerada por ele como inoperante. Por este motivo, seus escritos iniciais voltam a atenção quase que integralmente para a explicitação de uma nova forma de praticar a psicoterapia, com ênfase na dramatização das situações-problema, no “falar com”, ao invés de “falar sobre” e no contato frente-a-frente do psicoterapeuta com seu cliente (não mais paciente).

Questão bastante discutida, a distinção entre o que é crítica de Perls à Psicanálise e o que é crítica a Freud é também comentada por ela referindo-se à atenção que deve ser dada à forma agressiva como Fritz se dirige à Psicanálise. Isto posto, evidencia-se que as críticas que são dirigidas à Psicanálise pelo **pai** da Gestalt-terapia, nem sempre é coerente com o seu conhecimento sobre ambas, refletindo sua mágoa pessoal à figura de Freud.

“Porém, é necessário cautela ao se ler os seus escritos, pois é primordial ser feita a discriminação do que é crítica à Psicanálise daquilo que é crítica à pessoa de Freud”.

Referência importante é feita pela depoente quanto à confusão que existe entre o que seja uma relação social e uma relação terapêutica, consideradas as peculiaridades desta última quanto aos objetivos e aos limites necessários e fundamentais, deixando transparecer que este equívoco marca a Gestalt-terapia deixando-a vulnerável. Parece referir-se à **mal-dição** de que nesta abordagem o contato com o cliente não é definido, deixando margem a deturpações e à sensação de que “pode tudo”.

“Outro fato marcante na Gestalt-terapia é a questão da experiência. Isto faz com que nós, terapeutas, precisemos de um cuidado especial com o tipo de experiência e de relação que temos com nossos clientes. Essa relação tem objetivos definidos, é limitada no tempo de duração e, paradoxo interessante, é a única relação cuja meta não é ficar junto, mas sim se separar”.

A dificuldade exposta quando à ausência de aprofundamento teórico da Gestalt-terapia no Brasil, é diagnosticada como tendo ocorrido também pela demora na tradução da obra principal de Perls, o Gestalt therapy.

“Outro fato que contribuiu para uma compreensão da Gestalt-terapia é que seu livro básico, o ‘Gestalt therapy’, só foi publicado no Brasil há dois anos, devido a dificuldades na aquisição dos direitos autorais”.

Considera ainda que outros bons livros também demoraram a nos ser acessíveis.

“Uma das questões mais significativas no Brasil, é que os bons livros desta abordagem estão começando a ser traduzidos mais recentemente. E, infelizmente, o primeiro que foi traduzido, o ‘Tornar-se presente’, de John Stevens, dá a impressão de que a Gestalt-terapia é apenas um conjunto de técnicas e experimentos”.

Além disso, a Gestalt-terapia tem tão pouca literatura, “(...) em parte porque as pessoas acham sua teoria muito simples, não havendo o que escrever, mas sim, o que fazer”.

As pessoas que participavam dos grupos facilitados por Fritz Perls eram analistas ou haviam se submetido a processos pessoais de análise ou psicoterapia, tendo estes workshops o objetivo de demonstração, não se constituindo como um processo psicoterapêutico.

*“Outro problema: a primeira geração de gestalt-terapeutas, a que teve contato direto com Fritz Perls, também tinha uma longa experiência com Psicanálise. Era composta por analistas ou por pessoas que haviam sido pacientes de análise ou de psicoterapia durante muito tempo. O que Perls fazia com eles nos workshops era demonstrações, que não podem ser compreendidas da mesma maneira como se compreende **psicoterapia**. Porém, as pessoas acharam que aquelas demonstrações eram a terapia proposta por Fritz Perls”.*

O modo pragmático de trabalhar de Perls dá margem a grandes questionamentos tanto sobre o objetivo e a proposta, quanto sobre o lastro que o fundamenta. No relato de Lilian, a seguir, percebe-se, entretanto, a crença de que desde que se dê uma maior atenção aos seus escritos, percebe-se esta base teórica. “Um leitor ou observador mais cuidadoso pode perceber que na forma de trabalhar de Perls há uma concepção teórica (...)”.

Admitindo que “na forma de trabalhar de Perls há uma concepção teórica, advinda também da sua experiência como analista. Não só, mas também”, não esclarece o que

há, além da Psicanálise, que se constitua como o suporte teórico daquela abordagem, sem, no entanto, transparecer no seu depoimento, insegurança quanto à existência deste referencial teórico.

Sua afirmativa de que a Gestalt-terapia tem um corpo teórico compreensível quando remetido ao conhecimento de alguns conceitos da Psicanálise, aponta para questões interessantes: é necessário que fique claro para os **herdeiros** da Gestalt o que Fritz acolheu e o que rejeitou da Psicanálise; como ele formulou teoricamente sua abordagem; que lacunas teórico-práticas carecem ser ainda preenchidas.

“A Gestalt-terapia tem um corpo teórico, sim. Porém, para compreendê-lo, é muito importante que se conheçam alguns dos conceitos da Psicanálise. O Gestalt therapy, quando bem estudado, traz um belíssimo corpo teórico, com explicações dadas que precisam ser lidas com cautela e com algum conhecimento de Psicanálise”.

Estaria ela se referindo à incompletude ontológica da vida e do conhecimento, ou é um alerta à precariedade da explicitação do corpo teórico da Gestalt-terapia? Afirmando acima que as noções teóricas do Gestalt therapy precisam ser lidas com cautela, parece admitir o descuido de Perls para com a clareza dos seus escritos, demonstrando ainda cuidado com as possíveis **mal-dições** advindas da leitura descompromissada.

A Gestalt-terapia considera o passado. Isto afirmado, aborda a questão de que esta forma de psicoterapia lida apenas com o aqui-e-agora, desfazendo esta compreensão limitada e **mal-dita** da abordagem.

“(...) considero ingenuidade se afirmar que o gestalt-terapeuta não trabalha com o passado. Isto seria negar o fundo, a história de vida da pessoa, sua localização têmporo-espacial”.

A seguir, esclarece que o modo de considerar e abordar este passado e sua importância no processo psicoterapêutico pela Gestalt-terapia têm algumas peculiaridades como, por exemplo, a importância grande dada ao sentimento e a atitude infantis, bem mais que ao conteúdo vivenciado. Afirma isto, respaldando-se num texto escrito por Fritz Perls.

“Quando Perls e Goodman dizem que ‘os sentimentos infantis não são importantes como um passado que deve ser desfeito, mas sim, como alguns dos poderes mais belos da vida adulta que precisam ser recuperados: espontaneidade, imaginação, exatidão da awareness e manipulação’. Isto está na página 105 do ‘Gestalt therapy’ e me parece extremamente esclarecedor. Eles acrescentam que ‘o conteúdo da cena recuperada é bastante sem importância, mas o sentimento e a atitude infantis que viveram a cena são da máxima importância’. Então o passado é considerado na recuperação da espontaneidade e criatividade”.

Considera que o ponto de partida da Gestalt-terapia, a relação, não é algo isolado, fazendo parte de um movimento de alguns psicanalistas pós-freudianos que deslocam o foco da Psicanálise da teoria das pulsões, dirigindo agora sua atenção ao contato.

“Acho que há uma outra questão importante: quando Perls estava se desligando da Psicanálise e começando a buscar novas propostas, isso foi ao longo da década de 40, alguns psicanalistas britânicos, os chamados pós-freudianos, estavam introduzindo uma grande mudança na compreensão psicanalítica do ser no mundo das pessoas. Enquanto Freud e Melanie Klein tinham como ponto de partida a teoria das pulsões, alguns pós-freudianos mudam isso ao dizer que a questão fundamental é a relação com o outro. Esta mudança não pode ser encarada como sem importância, pois isto significa que todo processo de desenvolvimento precisa ser pensado e visto a partir da relação. Não é mais a satisfação da pulsão que é fundamental, e sim, a relação. Alguns gestalt-terapeutas contemporâneos ‘pegam este gancho’ e vão enfatizar, na Gestalt-terapia, a relação”.

Em tendo isto ocorrido, o que faz, então, com que a Gestalt-terapia seja vista como uma abordagem que considera apenas a vivência, o contato, portanto sem base teórica, enquanto o mesmo não aconteceu com as abordagens neo-freudianas? Ao dar uma maior ênfase à teoria das pulsões, estaria Freud descuidando do contato? Não nos compete aprofundar tal questão, porém é importante o questionamento.

Percebemos que as referências teóricas da Gestalt-terapia não foram expostas de forma precisa, sempre referindo o que não faz, deixando pouco claro o que e como faz. Na intenção de desfazer este **mal-dito**, Lilian esclarece que relacionar-se com o cliente na cena terapêutica é atentar para o modo de funcionamento deste no e com o mundo, para, então, e só assim, ajudá-lo a re-significar seus contatos.

“Os que consideram apenas a questão da experiência, do vivido, precisam compreender que o fundamental que precisa ser vivido, é a experiência relacional autêntica com o outro e compreender que essa relação só é possível tendo a história da pessoa como pano de fundo, tanto para compreender o estar no mundo dela, quanto o ser no mundo dela. E só se pode compreender o estar no mundo de uma pessoa tendo uma idéia da sua história relacional, dessa pessoa no mundo”.

Aponta ainda que o cliente opta pela psicoterapia, sabendo tratar-se de uma relação com o claro objetivo de mudança do que está lhe causando sofrimento.

“Quando o paciente nos procura ele está fazendo uma escolha. Ele, possivelmente, está tentando mudar algo em si, está em busca de uma mudança e, ao procurar a psicoterapia, ele faz uma escolha de mudar. Para mim, o que muda, o grande fator de mudança é a própria relação e a compreensão daquela pessoa, da sua experiência de vida”.

E compreende a relação terapêutica como um contato promovedor do equilíbrio daquele que, nesta relação, se constitui como cliente. Equilíbrio para a Gestalt-terapia é a possibilidade de contatar com o novo enquanto novo, não repetindo formas obsoletas de relacionamentos anteriores. É radicalmente diferente do estar estaticamente equilibrado, pois esta posição remete a paralisação e repetição doentia, contradizendo o movimento da vida. O terapeuta agiria como um suporte temporário ao seu cliente, ao mesmo tempo em que o auxiliaria a recompor o seu auto-apoio, o que em Gestalt-terapia denomina-se “self-support”. Por ser um contato que tem como intenção explícita a promoção de crescimento, a psicoterapia objetivaria facilitar a expressão do cliente num ambiente experimental seguro (o setting terapêutico), na companhia de um profissional que, habilmente, o frustraria naquelas suas manifestações auto-interruptoras. Sendo assim, em podendo perceber como e onde se paralisa, o sujeito tem a possibilidade de retomar o crescimento e o equilíbrio, fundamentais à manutenção de uma vida saudável.

“Quando a interação do sujeito com o meio é obstaculizada por alguma razão, ele tem que se ajustar a limitações (...). O sujeito faz então esse ajustamento da maneira mais criativa possível. Suprimir a espontaneidade, por exemplo, pode ser um ajustamento criativo necessário. Não existe desajustamento. Existe, sempre, um ajustamento criativo. A dificuldade é quando esse ajustamento se cristaliza, ou seja, quando o funcionamento não propicia crescimento, não promove mudanças, não nutre a relação com o outro”.

Ajustamento criativo é um conceito fundamental para a Gestalt-terapia. Nele está implícita a noção de auto-apoio e saúde. O organismo, quando saudável, tem a capacidade de identificar, a cada momento, suas necessidades bem como as

demandas do meio, realizando transformações, acomodando-se ou dialogando com o outro, no sentido de possibilitar seu convívio e o suprimento de suas necessidades ou **figuras**, em consonância com as do ambiente. Não se trata de algo estático ou definitivo, mas que vai sendo construído a cada instante, na própria relação homem-mundo. O ajustamento criativo é sempre presente, o que significa que o indivíduo e o meio estão constantemente promovendo acordos de convivência. Pode ocorrer, no entanto, fases em que a forma de ajustamento encontrada não seja nutritiva para ambos, por não responder de forma **atualizada** às suas necessidades ou demandas. Neste caso, não havendo mobilização de seus próprios recursos (auto-apoio), faz-se fundamental criar maneiras de manipular o meio de forma a receber apoio.

Um outro **mal-dito** é a Gestalt-terapia ser tida como um método de psicoterapia, ou um arsenal de técnicas que pode facilmente ser acoplado a uma abordagem “consistente”. O antídoto para esta forma limitada de compreensão vem, segundo Lilian, da Filosofia, que nos respalda as noções de mundo e de homem.

“Há muitos anos, cheguei a pensar que a Gestalt-terapia era apenas um método de psicoterapia. Mas vi que estava absolutamente enganada. Apesar de não entender de Filosofia, compreendo que há uma concepção diferente de homem e mundo para as diferentes abordagens de psicoterapia e nossa concepção enfatiza o homem enquanto sujeito. O homem tem o poder de escolher e eu penso que nossa profissão fala disso”.

Acreditamos ser importante a compreensão filosófica de homem e mundo de qualquer abordagem de psicoterapia que se pretenda trabalhar. Entretanto, não é possível esquecer o fato de estarmos inseridos no campo da Psicologia, o que

nos cobra posições teóricas que nos sustentem e dêem suporte à prática clínica. O sujeito referido pela Gestalt-terapia é aquele que tem a capacidade de se articular com o meio num ajustamento criativo, conforme explicitado anteriormente. Não é o homem assujeitado, como a entrevistada esclarece, que se adapta às condições do meio, sem transformar-se e nem àquele. Trata-se, isto sim, do homem atuante na sua relação com o mundo.

Indo além, amplia a noção de experimento utilizada pela Gestalt-terapia para muito mais que uma técnica fria, um truque, contrapondo-se à idéia de que para ser gestaltista é preciso fazer uso de alguma técnicas de efeito, como a “cadeira vazia” , onde o cliente é convidado a falar com a pessoa a que está se referindo naquele momento, em lugar de falar sobre esta mesma pessoa. O experimento é algo de bastante interessante e útil ao processo psicoterápico, tendo por objetivo facilitar o contato do cliente com uma determinada vivência, livrando-o das ciladas da intelectualização. Dramatizando um diálogo vivo, tem-se grandes possibilidades de deixar de fora as desculpas e as respostas pré-fabricadas pelo “computador mental”. Porém, qualquer técnica jamais pode ser compreendida como a base desta abordagem, nem é possível se reduzir a Gestalt-terapia a um conjunto de técnicas ou experimentos que pode ser usado indiscriminadamente, sem uma compreensão da sua origem, referência e importância para aquele processo específico.

“Eu, por exemplo, raramente uso experimentos. O único experimento que eu uso, sempre, sempre, é a relação terapêutica. Parafraseando Marina Ribeiro, a relação terapêutica é, ela própria, o experimento. O grande trabalho terapêutico é resgatar a novidade do estar no mundo, e, mais precisamente, o ser no mundo”.

Outro ponto bastante criticado na Gestalt-terapia é o fato dela não se utilizar do diagnóstico, por receio de que, atribuindo ao paciente um rótulo, deixe de considerá-lo como um indivíduo em constante processo. Esta compreensão leva a conceber-se a Gestalt-terapia como uma abordagem superficial, que não se presta a cuidar do sofrimento psíquico mais grave.

“Eu não tenho a visão romântica de que o terapeuta não diagnostica o seu paciente. Se uma pessoa paga um psicoterapeuta durante um longo tempo, por estar com um problema que está dificultando sua vida, é óbvio que ela acredita que esse profissional sabe algo a mais e que vai poder lhe ajudar”.

Afirmando o diagnóstico como necessário, ela acrescenta sua função no processo psicoterapêutico e diz como a Gestalt-terapia percebe a psicose, melhor dizendo, o indivíduo psicótico.

“Se uma pessoa é psicótica, isto não descreve a pessoa. Para poder descrevê-la, o fundamental é saber como essa pessoa é, a serviço de que está essa psicose, como foi seu desenvolvimento, sua herança genética, etc. Acho que as categorias nosológicas, os tão temidos rótulos, facilitam a vida, criam uma possibilidade de comunicação interdisciplinar”.

Sua última afirmação, a seguir, defende nitidamente que o que promove mudanças nos indivíduos num processo psicoterapêutico não é a atuação técnica do terapeuta.

“Quando alguns gestalt-terapeutas dizem que a Gestalt-terapia não tem corpo teórico, eu imagino que eles pensem que o que faz a pessoa crescer em psicoterapia é o experimento que ele, psicoterapeuta, promoveu”.

Mas sim, o respaldo teórico de suporte desta atuação, que inclui a capacidade de diagnosticar o cliente, ou seja, ir tendo clareza, junto com ele, do seu modo de funcionar no mundo e do que o está impedindo de crescer; a

habilidade de lidar com esta pessoa de forma transformadora, apoiando-a e/ou frustrando-a nos seus comportamentos obsoletos ou não criativos, levando-a a conscientizar-se do seu modo de existir e auxiliando-a a fazer escolhas quanto às formas de contato que possam fazê-la “ir em frente” no seu processo de vida. O experimento, segundo a entrevistada, é apenas uma das formas que o psicoterapeuta tem de ajudar seu cliente a perceber como lida consigo mesmo e com os outros, conforme afirma:

“Aí entra uma grande confusão, quando se pensa que, só por se haver feito algo e isto ter dado certo, é mágico, e que isto é possível sem uma compreensão da teoria”.

E continua seu depoimento, defendendo que a Gestalt-terapia não é algo novo que veio para simplificar o já existente, enfatizando que, o atributo da novidade não lhe confere certificado de simplicidade ou superficialidade.

“Outra questão fundamental é que, como tudo o que é novo, a Gestalt-terapia traz consigo a noção errônea de que veio para simplificar o antigo. O raciocínio é igual àquele que temos quando compramos um eletrodoméstico mais moderno: o de que vais nos facilitar a vida, nos dando menos trabalho. Não acredito que isto possa vir a funcionar na Psicologia”.

4.2.2. LUIZ LILIENTHAL: sedimentar, refletir, divulgar

“Eu acredito que a percepção de que a Gestalt-terapia não tem teoria de sustentação ou é composta apenas de vivências, técnicas ou experimentos tem algumas razões. A primeira é que a primeira abordagem que efetivamente se articulou de forma teórica e prática aqui no Brasil, foi a Psicanálise. E estabelecendo uma relação de poder muito grande. Uma forma de comprovar isto é através das obras completas de Freud, quando traduzidas para a língua portuguesa. A tradução é péssima, porque elas são traduzidas duas vezes: do alemão para o inglês, incluídos aí os comentários dos tradutores e, só depois, traduzidas para o português. E uma questão a ser discutida é que estas obras foram traduzidas por pessoas muito antigas da Sociedade Brasileira de Psicanálise, e, desta forma, atendendo a seus interesses próprios. Eu tive a oportunidade de ler um livro de Freud, no original, de 1916, pertencente ao meu avô, escrito ainda em letras góticas e que não continha comentário nenhum, e compará-lo à edição da IMAGO. O que pude perceber, claramente, é que eles guardam alguma semelhança entre si. Inclusive em termos de terminologia, que possuem erros absurdos, que deturpam completamente o sentido original.

Não se pode esquecer, porém, que há uma vertente atual da Psicanálise, liderada por Jurandir Freire Costa, que faz uma re-leitura atual e interessantíssima da Psicanálise. Mas a que é a mais conhecida e seguida é aquela sobre a qual me referi anteriormente.

Eu considero o corpo teórico da Gestalt extremamente complexo, porque ele se origina em muitas vertentes, tem influências diversas e Fritz Perls, de alguma

forma, juntou as partes e fez uma composição de todo. Aí há contradições e controvérsias. Inclusive, a primeira importante discussão é acerca do pensador da Gestalt-terapia, que, penso eu, não foi Fritz, mas sim, Laura Perls e Paul Goodman, este último bastante preocupado com a questão social, papel que considero fundamental a uma abordagem de psicoterapia. Além disso, Goodman também estudou profundamente a pedagogia, que foi a minha porta de entrada na Gestalt. Comecei estudando Gestaltpedagogia e, só depois, enveredei pelos caminhos da Gestalt-terapia. Considero fundamental, na Gestalt, a faixa de interpenetração claramente existente e considerada entre a terapia e a pedagogia.

Como as vertentes da Gestalt são muitas e elas muito complexas, é extremamente trabalhoso compreendê-las e articulá-las. A começar pelo Kurt Goldstein, com sua noção de organismo e holismo, de Kurt Lewin e sua teoria de campo, Buber e a relação dialógica, só para citar as mais conhecidas. É um quadro não muito fácil de montar, e que, por não ser claro, pode passar por inexistente. A teoria da personalidade da Gestalt-terapia existe, mas escondida nas entrelinhas dos seus textos, não sendo claramente definida.

Apesar de já haver muitos trabalhos de aprofundamento da Gestalt desenvolvidos tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos ou Europa, há também muitos profissionais que ainda trabalham com base na intuição, na base do vale-tudo. A partir de uma apreciação e apropriação dos conceitos e construtos da Gestalt-terapia, pode-se lançar mão de grande quantidade de técnicas e procedimentos bastante interessantes e intensos e que dão a grande especificidade desta abordagem. Esse, então, é o seu grande paradoxo: tendo-se a compreensão teórica, têm-se as técnicas em seu favor. Porém, as técnicas são

também bastante usadas de forma atórica e sem critérios. A Gestalt é muito pouco específica, abrindo possibilidades inúmeras de formas e métodos de trabalho, estimulando a criatividade. A base para isso é a Fenomenologia, que defende que os fenômenos só vão poder ser trabalhados após seu aparecimento. Além disso, você não precisa saber mais do que o cliente, muitas vezes só compreendendo o que está acontecendo com ele através do relato posterior. Não é necessário perceber tudo, mas é fundamental viver com ele os acontecimentos.

Apesar da grande quantidade de influências da Gestalt, percebo nitidamente o ponto de convergência entre estas, que são o Existencialismo e a Fenomenologia. Esse é o substrato teórico sobre o qual estão inseridas todas essas influências.

Percebo também que há a Gestalt de Fritz, mais espalhafatosa, e a de Laura, mais pautada na relação, mais discreta. E acredito que os profissionais acabam por seguir um dos dois, às vezes apenas por combinar mais com seu estilo de vida, seu jeito de ser.

Acho que uma grande distorção acerca da Gestalt-terapia refere-se ao fato dela não acreditar em estruturas de personalidade, mas sim em processos. Percebo ambos, estrutura e processo, com uma íntima ligação. A estrutura se modifica com o tempo, ou seja, ela se modifica no processo. O homem é um ser em constante mutação, algumas enormes e perceptíveis, outras nem tanto, mas não menos importantes.

Quanto à questão da doença mental, por exemplo, a Gestalt-terapia enfatiza que as pessoas, a cada momento, fazem a sua síntese possível. Então, se a síntese possível de uma pessoa em um dado momento é surtar, ela está se protegendo, fazendo o que de melhor ela consegue naquele seu momento de

vida, consideradas todas as coisas que ela está vivendo. Claro que há formas de síntese malogradas, vez que freiam o processo de desenvolvimento pessoal do indivíduo, algo como 'ficar batendo numa mesma tecla'. Na medida em que ele consegue voltar a tocar outras teclas, pode retomar o seu processo de crescimento pessoal. E acredito que a maneira pela qual é possível se avaliar o processo de crescimento é, por exemplo, olhar para trás e se constatar mudanças.

Algumas pessoas, estas cuja existência está empancada, possivelmente mudaram apenas na contagem dos anos, não contabilizando para si ganhos que ele possa ter tido nesse tempo, sempre acompanhado de um enorme sofrimento. O malogro da existência é no sentido do não crescimento, da não consecução no processo de abrir e fechar questões, dando lugar a outras, numa sucessão contínua e constante. E aí não entram juízos de valor, mas constatações que vão sendo feitas junto com o cliente. É o respeito às escolhas das pessoas das possibilidades/dificuldades que surgem e ressurgem a cada instante da vida. A saúde é exatamente a possibilidade de entrar e sair das questões, sem que elas se tornem recorrentes. Se o ser humano é processo, temos que percebê-lo sempre em movimento. Se ele para num ponto, e novamente no mesmo ponto, deve haver encrência por aí. E no sentido de quebrar a interrupção do padrão, os experimentos propostos pela Gestalt-terapia são de extrema ajuda terapêutica. Porém, é necessária uma leitura apurada do que está acontecendo com o cliente, além do respaldo teórico de suporte ao uso daquela técnica.

Na nossa sociedade, possivelmente em outras também, as pessoas se preocupam demais com a questão moral das ações dos outros, sem se darem conta do bem-estar que as suas ações estão lhes causando. Acredito que esta

necessidade de organizar e sistematizar a vida, vem de uma espécie de insegurança que é inerente ao humano, mas que é difícil de aceitar. O que a Gestalt desconsidera é o estabelecimento de regras gerais para o funcionamento humano. E uma coisa que costuma ditar regras é a culpa. Para se ter controle sobre alguém, basta fazê-lo sentir-se culpado. E a culpa não tem valor algum, se não for transformada em responsabilidade. A responsabilidade é proveitosa. A culpa, não, pois apenas paralisa.

A Gestalt-terapia, propondo a responsabilidade, permite muitas coisas, mas não permite que não se saiba o que se está fazendo”

4.2.2.1. COMPREENDENDO A NARRATIVA DE LUIZ LILIENTHAL

No início desse relato percebe-se uma compreensão de que a imagem de abordagem sem teoria que a Gestalt-terapia tem deve-se ao fato da inserção da Psicanálise no Brasil ter sido anterior à da Gestalt-terapia, tendo esta sido realizada de forma teórico-prática consistente, assumindo, inclusive, o poder delegado aos pioneiros.

“Eu acredito que a percepção de que a Gestalt-terapia não tem teoria de sustentação ou é composta apenas de vivências, técnicas ou experimentos tem algumas razões. A primeira é que a primeira abordagem que efetivamente se articulou de forma teórica e prática aqui no Brasil, foi a Psicanálise. E estabelecendo uma relação de poder muito grande”.

É sabido que a Psicanálise é detentora de um grande poder dentre as abordagens de psicoterapia, tanto por ser a “mãe” de todas as outras, quanto pela cuidadosa organização de sua construção teórica e de seus núcleos e centros de estudo. Entretanto, este poder não necessariamente precisaria impedir a Gestalt-terapia de se **dizer**. Nos parece que aí, novamente, aparece o conflito de Fritz com relação a Freud, traduzido por um sentimento de inferioridade. Configura-se algo do tipo “poderosa e consistente já é a Psicanálise”! E, como consequência deste lugar de consistência e poder já estar ocupado, a Gestalt-terapia parte para a escolha de outro para ocupar. Tal relação se assemelha àquela do **filho** que, imaginando não conseguir ser tão brilhante quanto o **pai**, parte, então, para ser o seu oposto, pois neste espaço antagônico poderá ser o melhor.

Outra questão levantada refere-se às mudanças nos conceitos da Gestalt-terapia realizadas pelos tradutores das suas obras. Essas traduções, sendo realizadas duas vezes, do alemão para o inglês e só daí, para o português, podem ter o sentido de alguns textos deturpados, tendo em vista o modo de pensar e elaborar escritos daquelas línguas estrangeira.

Ainda relacionando-se às traduções, o depoente afirma que algumas obras dão a nítida impressão de que são traduzidas de forma a atender a alguns interesses de fatias da sociedade científica. O exemplo a que Luiz se refere é de um livro de Freud, mas ele considera que este fato contribui em muito para uma má compreensão da Gestalt-terapia, visto que *“(...) possuem erros absurdos que deturpam completamente o sentido original”*.

“Uma forma de comprovar isto é através das obras completas de Freud, quando traduzidas para a língua portuguesa. A tradução é péssima, porque elas são traduzidas duas vezes: do alemão para o inglês, incluídos aí os comentários dos tradutores e, só depois, traduzidas para o português. E uma questão a ser discutida é que estas obras foram traduzidas por pessoas muito antigas da Sociedade Brasileira de Psicanálise, e, desta forma, atendendo a seus interesses próprios. Eu tive a oportunidade de ler um livro de Freud, no original, de 1916, pertencente ao meu avô, escrito ainda em letras góticas e que não continha comentário nenhum, e compará-lo à edição da IMAGO. O que pude perceber, claramente, é que eles guardam alguma semelhança entre si. Inclusive em termos de terminologia”.

O problema de tradução, então, ocorre tanto nas obras da Gestalt-terapia quanto nas da Psicanálise e até em outras. O fato é que, sabedores disto, os transmissores das abordagens de psicoterapia necessitam se apropriar profundamente das mesmas, efetuar críticas quanto às possíveis interpretações

deturpadas de conceitos e discutir com os interlocutores, alunos e/ou colegas, os construtos, sua pertinência no contexto, responsabilizando-se ainda por atualizá-los constantemente.

Considerando o corpo teórico da Gestalt-terapia como complexo, salienta que a cabeça pensante desta abordagem não foi Fritz Perls, mas sim, Laura Perls e Paul Goodman, embora reconheça que a Gestalt que foi divulgada e se fez conhecer foi a de Fritz, que carecia de revisão e aprofundamento teórico.

“Eu considero o corpo teórico da Gestalt extremamente complexo, porque ele se origina em muitas vertentes, tem influências diversas e Fritz Perls, de alguma forma, juntou as partes e fez uma composição de todo. Aí há contradições e controvérsias. Inclusive, a primeira importante discussão é acerca do pensador da Gestalt-terapia, que, penso eu, não foi Fritz, mas sim, Laura Perls e Paul Goodman”.

O corpo teórico da Gestalt-terapia é considerado complexo por ter uma base de influências bastante diversificada, trazendo em seu bojo as Teorias de Campo de Kurt Lewin e Organísmica de Kurt Goldstein e a Escola Clássica da Gestalt, sem esquecer a Psicanálise freudiana. É ainda influenciada por Wilhelm Reich com sua noção de couraças e pelo zen-budismo com sua definição de satóri ou iluminação, comparado por Perls ao conceito gestaltista de awareness, que, apesar de não ter uma tradução literal, pode ser definida como uma forma específica de experienciar, ou ainda como o processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo organismo/meio, com total suporte sensório-motor.

Ainda carecem ser consideradas as influências filosóficas da Gestalt-terapia, o Existencialismo e a Fenomenologia. Tendo sido realizada por Fritz Perls, como

diz o entrevistado, uma síntese criativa destas partes num todo, se vista sem o elo que une suas influências, a Gestalt-terapia pode ser acusada de “colcha de retalhos”. À exceção do zen-budismo, que influenciou pessoalmente a vida de Fritz, todas as demais ou se inserem no campo da Psicanálise ou tem base na Fenomenologia.

Continuando suas considerações sobre Paul Goodman, acrescenta sua importância para uma abordagem de psicoterapia, vez que o mesmo tinha uma expressiva e explícita preocupação com as questões sociais.

Afirma ainda a interpenetração da psicoterapia com a pedagogia, fato nem sempre ressaltado pelas abordagens psicoterápicas, e que é bastante valorizado pela Gestalt-terapia.

“Além disso, Goodman também estudou profundamente a pedagogia, que foi a minha porta de entrada na Gestalt. Comecei estudando Gestaltpedagogia e, só depois, enveredei pelos caminhos da Gestalt-terapia. Considero fundamental, na Gestalt, a faixa de interpenetração claramente existente e considerada entre a terapia e a pedagogia”.

Paul Goodman não só considera a pedagogia e a psicoterapia como campos de importantes transformações sociais, quanto, nas entrelinhas, parece haver retirado a psicoterapia da área da saúde, atribuindo-lhe um lugar no campo da educação. Tal mudança, apesar de aparentemente sutil, acarreta transformações enormes, pois através dela é devolvida ao cliente sua capacidade de se reorganizar, não sendo delegado a um outro (no caso, o psicoterapeuta) o poder de curá-lo. Não há mais um agente e um paciente, mas duas pessoas, em relação, com um objetivo claro de experimentar formas novas de conviver. Não há mais que se falar em cura.

Refletimos que, se esta inter-relação fosse mais divulgada, a imagem da Gestalt-terapia seria mais valorizada, não apenas nos campos da psicoterapia, mas também nos da educação.

Com a constatação de que a Gestalt-terapia tem um leque de influências, nem sempre muito claras e de trabalhosa articulação, o entrevistado adverte sobre a necessidade de um cuidadoso aprofundamento para fazer desta junção um todo coerente.

“Como as vertentes da Gestalt são muitas e elas muito complexas, é extremamente trabalhoso compreendê-las e articulá-las. A começar por Kurt Goldstein, com sua noção de organismo e holismo, de Kurt Lewin e sua teoria de campo, Buber e a relação dialógica, só para citar as mais conhecidas. É um quadro não muito fácil de montar, e que, por não ser claro, pode passar por inexistente”.

Referindo-se a um dos mais graves **mal-ditos** da Gestalt-terapia, o de que não tem uma teoria da personalidade, ele afirma:

“(...) a teoria da personalidade da Gestalt-terapia existe, mas escondida nas entrelinhas dos seus textos, não sendo claramente definida”.

A teoria da personalidade da Gestalt-terapia, além de não estar explicitada claramente nos textos de seus criadores, herda muito da teoria psicanalítica, posto que foi concebida no início da construção da Gestalt-terapia, momento em que Fritz encontrava-se ainda saindo da Psicanálise. Por outro lado, tal teoria da personalidade traz também no seu bojo muito da negação de Fritz com relação a Freud e à Psicanálise. Fritz Perls negava que as estruturas de personalidade fossem imutáveis, acreditando que o processo de transformação das mesmas sempre ocorreria nas relações de contato do organismo com ele mesmo e deste

com o meio. Para a Gestalt-terapia, o homem está sempre em processo de resignificação, partindo do princípio de que não há uma essência pura de cada indivíduo. Respondendo sobre a “natureza” específica de uma determinada pessoa, Perls afirma que mesmo este mais íntimo “jeito de ser” é fruto do conteúdo genético, das contingências da época e do local em que nasceu o indivíduo e da rede invisível de relações que o cercam neste período e em todo o decorrer de sua vida. Em outras palavras, ninguém é tão “esterilizado” que permita se falar em essência individual.

Quanto à utilização das técnicas pelos gestalt-terapeutas, ele afirma a inutilidade destas por si só, sendo poderoso instrumento quando pautado em um referencial preciso.

“A partir de uma apreciação e apropriação dos conceitos e construtos da Gestalt-terapia, pode-se lançar mão de grande quantidade de técnicas e procedimentos bastante interessantes e intensos e que dão a grande especificidade desta abordagem. Esse, então, é o seu grande paradoxo: tendo-se a compreensão teórica, têm-se as técnicas em seu favor. Porém, as técnicas são também bastante usadas de forma ateórica e sem critérios”.

Esclarecendo que a base da Gestalt-terapia é a Fenomenologia, ele alerta que, por ser um método que busca trabalhar o conteúdo presente, dá motivos para a **mal-dição** de que a Gestalt-terapia é muito pouco específica.

“A Gestalt é muito pouco específica, abrindo possibilidades inúmeras de formas e métodos de trabalho, estimulando a criatividade. A base para isso é a Fenomenologia, que defende que os fenômenos só vão poder ser trabalhados após seu aparecimento. Além disso, você não precisa saber mais do que o cliente, muitas vezes só compreendendo o que está acontecendo com ele através do relato posterior. Não é necessário perceber tudo, mas é fundamental viver com ele os acontecimentos”.

A Gestalt-terapia busca trabalhar o presente, pois acredita que este contém tudo o que é importante da vida de alguém, seja o passado nas imagens da memória, seja o futuro nas diferentes formas de projetos. Sendo assim, não há necessidade de se proceder escavações arqueológicas em busca de pistas sobre o comportamento dos indivíduos, pois estas aparecem nas atitudes, nos gestos, no modo de funcionar destes, no presente, no aqui-e-agora. Nunca é demais reforçar que não há um desprezo ao passado, mas uma forma diferente de percebê-lo, ou melhor, de lidar com ele na compreensão do cliente e na atuação terapêutica. Deste modo, o terapeuta gestaltista não se preocupa em dar uma sequência lógica às sessões nem organiza o seu método de trabalho, posto que o método utilizado por ele, o fenomenológico, baseia-se em ir acompanhando o cliente, trabalhando as questões que vão emergindo na própria cena terapêutica. Importa o conteúdo da vida do cliente, e é fundamental a forma como ele aborda este conteúdo na presença do terapeuta e como se dá o contato entre estes dois, incluídas aí as questões que ocorrem na e da própria relação terapêutica. Daí a pouca especificidade do gestalt-terapeuta, daí a sua forma de trabalhar o presente.

Com relação aos diferentes estilos de Fritz e Laura, ele faz o seguinte comentário:

“Percebo também que há a Gestalt de Fritz, mais espalhafatosa, e a de Laura, mais pautada na relação, mais discreta. E acredito que os profissionais acabam por seguir um dos dois, às vezes apenas por combinar mais com seu estilo de vida, seu jeito de ser”.

Isto nos faz refletir a incompletude existente quanto à utilização da Gestalt-terapia pautada apenas no “jeito de ser” do profissional, e não com base no conjunto teoria-prática desta abordagem.

Outro **mal-dito** da Gestalt-terapia é o de que esta não valoriza as estruturas de personalidade, também não esclarecendo o que são os processos com os quais afirma trabalhar. Efetuando uma relação entre estes dois conceitos, ele esclarece a origem desta deturpação.

“Acho que uma grande distorção acerca da Gestalt-terapia refere-se ao fato dela não acreditar em estruturas de personalidade, mas sim em processos. Percebo ambos, estrutura e processo, com uma íntima ligação. A estrutura se modifica com o tempo, ou seja, ela se modifica no processo. O homem é um ser em constante mutação, algumas enormes e perceptíveis, outras nem tanto, mas não menos importantes”.

Abordando a crença comum de que a Gestalt-terapia não compreende a psicose, ele comenta:

“Quanto à questão da doença mental, por exemplo, a Gestalt -terapia enfatiza que as pessoas, a cada momento, fazem a sua síntese possível. Então, se a síntese possível de uma pessoa em um dado momento é surtar, ela está se protegendo, fazendo o que de melhor ela consegue naquele seu momento de vida, consideradas todas as coisas que ela está vivendo”.

É uma explicação de como a Gestalt-terapia percebe a psicose enquanto processo, sempre referendada pelo conceito de ajustamento criativo, aqui indicado pelo entrevistado como *“a síntese possível a cada indivíduo em cada momento de sua vida”*.

Buscando evitar que se compreenda que a Gestalt-terapia tem uma visão “romântica” e ingênua da doença mental, ele acrescenta a noção de existência

malograda utilizada por psiquiatras existencialistas, como Binswanger e Boss, aproveitada pela Gestalt-terapia.

“Claro que há formas de síntese malogradas, vez que freiam o processo de desenvolvimento pessoal do indivíduo, algo como ‘ficar batendo numa mesma tecla’. Na medida em que ele consegue voltar a tocar outras teclas, pode retomar o seu processo de crescimento pessoal. E acredito que a maneira pela qual é possível se avaliar o processo de crescimento é, por exemplo, olhar para trás e se constatar mudanças. Algumas pessoas, estas cuja existência está empancada, possivelmente mudaram apenas na contagem dos anos, não contabilizando para si ganhos que ele possa ter tido nesse tempo, sempre acompanhado de um enorme sofrimento. O malogro da existência é no sentido do não crescimento, da não consecução no processo de abrir e fechar questões, dando lugar a outras, numa sucessão contínua e constante”.

E comenta como a Gestalt-terapia lida com os indivíduos psicóticos, inclusive dando um sentido coerente à noção de experimento da Gestalt-terapia.

“E aí não entram juízos de valor, mas constatações que vão sendo feitas junto com o cliente. É o respeito às escolhas das pessoas das possibilidades/dificuldades que surgem e ressurgem a cada instante da vida. A saúde é exatamente a possibilidade de entrar e sair das questões, sem que elas se tornem recorrentes. Se o ser humano é processo, temos que percebê-lo sempre em movimento. Se ele para num ponto, e novamente no mesmo ponto, deve haver encrenca por aí”.

Percebemos nesta fala do entrevistado o esclarecimento de um outro, grave, **mal-dito** que paira sobre a Gestalt-terapia.

Considerando que o fato da Gestalt-terapia por vezes ser rejeitada pela sua desorganização, ele reflete:

“(...) acredito que esta necessidade de organizar e sistematizar a vida, vem de uma espécie de insegurança que é inerente ao humano, mas que é difícil de aceitar”.

Porém, cuidando da preservação do sentido de liberdade criativa contido na Gestalt, bem como da noção de responsabilidade, fundamento básico do Existencialismo, presente nesta abordagem, ele conclui:

“O que a Gestalt-terapia desconsidera é o estabelecimento de regras gerais para o funcionamento humano. A Gestalt-terapia, propondo a responsabilidade, permite muitas coisas, mas não permite que não se saiba o que se está fazendo”.

4.2.3. MYRIAM HOFFMANN: A doceria

“Uma questão que me chama a atenção é a freqüente mudança de alguns psicoterapeutas da Gestalt para a Psicanálise, e que encontro como possível causa a carência de fundamentação teórica atribuída à Gestalt-terapia. Uma analogia interessante que ilustra bem este fato é a seguinte: há pessoas que preferem ir numa doceria comprar um bolo pronto. Há outras, entretanto, que escolhem ir a um supermercado comprar o material e confeccionar elas mesmas o seu bolo. Eu imagino que as pessoas que optam pelas abordagens que já estão fechadas, construídas, prontas, estão comprando o bolo pronto. Elas precisam estudar aquilo, compreender e praticar. Entrar na Gestalt é se propor a fazer o bolo.

Agora, além disso, a Gestalt-terapia assemelha-se ao “tangram”, aquele jogo chinês que possibilita a montagem de uma infinidade de figuras. Na teoria da Gestalt-terapia há referências básicas, tal qual no bolo há a farinha de trigo, o leite, os ovos. São elas a concepção de homem enquanto ser existencial, a importância da percepção tal como é formulada pela Psicologia da Gestalt, além dos construtos e conceitos fundamentais da abordagem como o ajustamento criativo, a awareness, o self-support. A partir desta referência básica, pode-se organizar, por exemplo, uma maneira própria de compreensão da psicopatologia, compreendido como o estudo da dinâmica da doença e sua descrição fenomenológica. O gestalt-terapeuta de posse desses ‘ingredientes’ básicos, apropria-se deles para criar as teorias importantes para a compreensão do homem, como as da personalidade, da neurose e outras de igual importância.

É o jeito de estar olhando para esses fenômenos, levando em conta o que é básico para a Gestalt (construindo a teoria), que faz com que alguns estejam contribuindo com a produção do corpo teórico da abordagem, enquanto que outros, emprestando conceitos que nos são estranhos, deturpam a Gestalt-terapia ou, no mínimo, estão fazendo uma outra coisa, que não Gestalt. Há muita gente estudando pelos mais variados caminhos: personalidade, psicopatologia, psicoterapia com família, dentre outros, considerando sempre os ingredientes básicos.

O que acredito é que existe um espaço para criatividade dentro da Gestalt-terapia, porém com limites claros a serem respeitados. Por exemplo, para um profissional ser considerado um gestalt-terapeuta é necessário que ele utilize o método fenomenológico. Porém, o simples uso do método fenomenológico não faz desse profissional um gestalt-terapeuta. O método fenomenológico é um desses ingredientes básicos. A partir dele, então, o gestalt-terapeuta pode olhar para as outras questões da Psicologia com um jeito que tem a ver com a Gestalt e sua visão de homem e de mundo.

Uma das críticas que eu faço, por exemplo, ao Gestalt therapy, é a infelicidade de se utilizar de termos como ego ou id - que são construtos freudianos – com outro sentido, ou seja, dar o mesmo nome para coisas diferentes.

Um fato grave é que, quanto mais se estudam outros construtos teóricos, mas se afastam da proposta psicoterapêutica formulada por Fritz e Laura Perls.

Uma outra questão que dificulta a compreensão da Gestalt-terapia é a tentativa de utilização em massa da Filosofia, o que nos faz sair da Psicologia. Nós, gestalt-terapeutas, precisamos valorizar o que já existe, refletir em cima,

criticar, melhorar, desconsiderar o que não nos serve mais, atualizar outros conceitos.

Talvez a sensação de abordagem inconsistente venha do fato de que muitos gestaltistas articulam-na a tantas outras teorias, que terminam por passar a imagem de que, sozinha, a Gestalt-terapia é insuficiente.

Um outro fato tão comum quanto grave é a existência de 'traduções'. Algum teórico elaborou uma forma de compreender e abordar o sofrimento humano e um grupo, de posse destes construtos, os encaixam na linguagem de uma outra abordagem. Em outras palavras, parte-se do princípio de que determinada construção é a verdadeira e que o único trabalho que pode ser feito, embora desnecessário, é a 'tradução' destes construtos para uma outra linguagem. Um exemplo são as freqüentes perguntas acerca da noção de inconsciente ou de id na Gestalt-terapia. Ao se tentar responder a esta indagação, desconsidera-se que estes conceitos fazem parte de uma construção muito peculiar de Freud e não é uma verdade universal.

O que precisa ser feito é o gestalt-terapeuta olhar para os fenômenos humanos, tentar compreendê-los a partir do seu sistema de crenças e então propor uma forma de abordá-los na relação terapêutica.

Precisamos nos independer e recriar a nossa própria teoria ou articular o pensamento de acordo com os fenômenos que emergem nos atendimentos, no crescimento das pessoas, no desenvolvimento humano.

Os gestaltistas, muitas vezes sem se aperceberem, por medo de serem radicais, abdicam de utilizar termos claros, sendo radicais no silêncio e na não explicitação das suas idéias e conceitos. Só para exemplificar, considero a psicopatologia clássica como sendo a descrição dos fenômenos psíquicos

humanos. A partir daí, cada ciência e cada profissional vai olhar para o fenômeno à luz das suas crenças para propor uma forma de tratamento. Não é negando a existência que se comprova a inexistência.

Com relação à doença mental, por exemplo, em não querendo ver o fenômeno, pode-se correr o risco de não considerar uma parte importante do indivíduo que é a doença que ele está desenvolvendo naquele momento e, o que é mais grave, privá-lo de um outro tipo de ajuda que poderá melhorar em muito a sua qualidade de vida.

Outra deturpação muito comum é se considerar a Gestalt-terapia apenas um método. Um método é algo que qualquer pessoa aprende e aplica. O método da Gestalt-terapia é muito claro, o fenomenológico. Porém, este é apenas um dos aspectos de uma abordagem de psicoterapia. Junto à utilização deste método precisa estar a concepção de homem e os pressupostos teóricos.

Um aspecto da Gestalt-terapia que é importante salientar é que ela não é uma abordagem pronta, acabada, fechada. A Gestalt é ainda muito jovem e, como tal, seus conceitos ainda estão por serem organizados, revistos atualizados. Um gestalt-terapeuta precisa se considerar um criador da Gestalt também. E isso é algo difícil, vez que nós, humanos, precisamos de referências fixas, gurus, pessoas que se responsabilizem por nossos atos ou, no mínimo, nos dêem a direção. Com a Gestalt-terapia não acontece assim. Temos que questioná-la, organizá-la, estruturá-la. Em outras palavras, responsabilizarmo-nos pelo que estamos ajudando a produzir, assumindo, principalmente, suas verdades inconclusas.

A Gestalt-terapia não apresenta a conclusão, mas sim, possibilidades. E isso é gerador de insegurança. Por este motivo, muitas vezes a Gestalt-terapia polariza, apenas para se rebelar.

Fritz Perls foi um reacionário. Dentro do contexto da época, isso era extremamente pertinente. Agora, nós não precisamos repetir este modelo, pois nosso momento não é mais aquele.

Talvez algumas pessoas percebam a Gestalt-terapia como superficial pelo fato dela considerar o aqui-e-agora e isto ser muitíssimo mal compreendido. O terapeuta inicia seu trabalho com o que está à sua frente, o que o cliente lhe mostra, porque é só por isto que se pode começar. Trabalhando o que emerge, possibilita-se ao escondido se mostrar. Integrando estas partes, há um fortalecimento que leva ao que é mais difícil de acessar. Se um médico vai operar o coração de uma pessoa, a cirurgia começa pela pele. Vai se limpando, cortando as camadas, até chegar ao coração. A única porta de entrada que se tem para o profundo é pelo superficial. Eu não consigo entrar no fundo do mar, se não passar pela espuminha”.

4.2.3.1. COMPREENDENDO A NARRATIVA DE MYRIAM HOFFMANN

A entrevistada inicia seu relato comentando um fato que lhe chama a atenção que é

“(...) a freqüente mudança de alguns psicoterapeutas da Gestalt para a Psicanálise, e que encontro como possível causa a carência de fundamentação teórica atribuída à Gestalt-terapia”.

Com esta afirmativa, ela confirma minha inquietação original: a Gestalt-terapia precisa explicitar sua teorização sob pena de ser **mal-dita** como inconsistente, superficial, frágil.

Seguindo adiante, afirma que a Gestalt-terapia é uma teoria a ser (re)construída a cada instante pelos gestaltistas que a praticam. Com isto, remete a nós, **herdeiros**, a responsabilidade pela **herança**.

“Uma analogia interessante que ilustra bem este fato é a seguinte: há pessoas que preferem ir numa doceria comprar um bolo pronto. Há outras, entretanto, que escolhem ir a um supermercado comprar o material e confeccionar elas mesmas o seu bolo. Eu imagino que as pessoas que optam pelas abordagens que já estão fechadas, construídas, prontas, estão comprando o bolo pronto. Elas precisam estudar aquilo, compreender e praticar. Entrar na Gestalt é se propor a fazer o bolo”.

E continua:

“(...) a Gestalt-terapia não apresenta conclusões, mas sim, possibilidades. E isto é gerador de inseguranças”.

Comparando a Gestalt-terapia ao “tangram”, ela explica que cada profissional pode fazer a sua síntese com os “ingredientes” da abordagem.

“Agora, além disso, a Gestalt-terapia assemelha-se ao “tangram”, aquele jogo chinês que possibilita a montagem de uma infinidade de figuras”.

Entretanto, ela reforça que há referências básicas e fundamentais que precisam ser preservadas pelos profissionais, mesmo que a organização de seus “todos” refiram-se a fatias diferentes do sofrimento humano.

“Na teoria da Gestalt-terapia há referências básicas, tal qual no bolo há a farinha de trigo, o leite, os ovos. São elas a concepção de homem enquanto ser existencial, a importância da percepção tal como é formulada pela Psicologia da Gestalt, além dos construtos e conceitos fundamentais da abordagem como o ajustamento criativo, a awareness, o self-support. A partir desta referência básica, pode-se organizar, por exemplo, uma maneira própria de compreensão da psicopatologia, compreendido como o estudo da dinâmica da doença e sua descrição fenomenológica. O gestalt-terapeuta de posse desses ‘ingredientes’ básicos apropria-se deles para criar as teorias importantes para a compreensão do homem, como as da personalidade, da neurose e outras de igual importância”.

E considerando a articulação que é feita desses pressupostos básicos, é que, tanto se pode aprofundar a abordagem, quanto contribuir para os **mal-ditos** a ela atribuídos.

“É o jeito de estar olhando para esses fenômenos, levando em conta o que é básico para a Gestalt (construindo a teoria) que faz com que alguns estejam contribuindo com a produção do corpo teórico da abordagem, enquanto que outros, emprestando conceitos que nos são estranhos, deturpam a Gestalt-terapia ou, no mínimo, estão fazendo uma outra coisa, que não Gestalt. Há muita gente estudando pelos mais variados caminhos: personalidade, psicopatologia, psicoterapia com família, dentre outros, considerando sempre os ingredientes básicos”.

Refere ainda ao espaço criativo que é fundamental à Gestalt, mas que existe dentro de claros e definidos limites.

“O que acredito é que existe um espaço para criatividade dentro da Gestalt-terapia, porém com limites claros a serem respeitados. Por exemplo, para um profissional ser considerado um gestalt-terapeuta é necessário que ele utilize o método fenomenológico. Porém, o simples uso do método fenomenológico não faz desse profissional um gestalt-terapeuta. O método fenomenológico é um desses ingredientes básicos. A partir dele, então, o gestalt-terapeuta pode olhar para as outras questões da Psicologia com um jeito que tem a ver com a Gestalt e sua visão de homem e de mundo”.

Outro fato bastante comum na Gestalt-terapia é ser considerada como uma ‘tradução’ da Psicanálise. Neste **mal-dito** está embutida a compreensão de que Fritz e Laura Perls apenas transformaram os conceitos e construtos da Psicanálise numa linguagem gestaltista.

“Um fato grave é que, quanto mais se estudam outros construtos teóricos, mas se afastam da proposta psicoterapêutica formulada por Fritz e Laura Perls”.

Continuando com a idéia, ainda afirma:

“Um outro fato tão comum quanto grave é a existência de ‘traduções’. Algum teórico elaborou uma forma de compreender e abordar o sofrimento humano e um grupo, de posse destes construtos, os encaixam na linguagem de uma outra abordagem. Em outras palavras, parte-se do princípio que determinada construção é a verdadeira e que o único trabalho que pode ser feito, embora desnecessário, é a ‘tradução’ destes construtos para uma outra linguagem. Um exemplo são as freqüentes perguntas acerca da noção de inconsciente ou de id na Gestalt-terapia. Ao se tentar responder a esta indagação, desconsidera-se que estes conceitos fazem parte de uma construção muito peculiar de Freud e não é uma verdade universal”.

Interessante a reflexão a que ela nos remete: pela força e antiguidade da elaboração de Freud, estas chegam a ser confundidas com verdades humanas absolutas e ontológicas, sendo as outras abordagens

“(...) consideradas apenas um método. Um método é algo que qualquer pessoa aprende e aplica. O método da Gestalt-terapia é muito claro, o fenomenológico. Porém, esse é apenas um dos aspectos de uma abordagem de psicoterapia. Junto à utilização deste método precisa estar a concepção de homem e os pressupostos teóricos”.

A Filosofia é certo e claro, auxilia na compreensão da Psicologia, referindo as noções de homem e de mundo em que determinadas abordagens psicoterápicas se pautam. Porém, *“(...) um fato que dificulta a compreensão da Gestalt-terapia é a tentativa de utilização em massa da Filosofia, o que nos faz sair da Psicologia”.*

A preocupação da entrevistada é de que a psicoterapia, esquecendo que o seu campo de inserção é a Psicologia, grude-se à Filosofia, e, ao invés de considerá-la como inspiração, dedique-se a aplicar seus conceitos literalmente o que, em última análise, é impossível.

A vinculação da Gestalt-terapia a outras abordagens também fragiliza seu corpo teórico, pela sensação de que este não ‘dá conta’ da compreensão do homem e de como lidar com seu sofrimento psíquico.

“Talvez a sensação de abordagem inconsistente venha do fato de que muitos gestaltistas articulam-na a tantas outras teorias, que terminam por passar a imagem de que, sozinha, a Gestalt-terapia é insuficiente”.

E aponta o que fortalece a Gestalt-terapia:

“O que precisa ser feito é o gestalt-terapeuta olhar para os fenômenos humanos, tentar compreendê-los a partir do seu sistema de crenças e então propor uma forma de abordá-los na relação terapêutica”.

E vai além:

“Precisamos nos independe e recriar a nossa própria teoria ou articular o pensamento de acordo com os fenômenos que emergem nos atendimentos, no crescimento das pessoas, no desenvolvimento humano”.

Outro motivo claro apontado por ela para as **mal-dições**, tem relação à falta de explicitação dos conceitos e construtos da Gestalt-terapia, bem como do seu método de trabalho.

“Os gestaltistas, muitas vezes sem se aperceberem, por medo de serem radicais, abdicam de utilizar termos claros, sendo radicais no silêncio e na não explicitação das suas idéias e conceitos. Só para exemplificar, considero a psicopatologia clássica como sendo a descrição dos fenômenos psíquicos humanos. A partir daí, cada ciência e cada profissional vai olhar para o fenômeno à luz das suas crenças para propor uma forma de tratamento. Não é negando a existência que se comprova a inexistência.

Com relação à doença mental, por exemplo, em não querendo ver o fenômeno, pode-se correr o risco de não considerar uma parte importante do indivíduo que é a doença que ele está desenvolvendo naquele momento e, o que é mais grave, privá-lo de um outro tipo de ajuda que poderá lhe melhorar em muito a sua qualidade de vida”.

A entrevistada defende que o gestalt-terapeuta se baseie no seu sistema de crenças, que inclui os conceitos e construtos teórico-práticos da sua abordagem de referência para compreender os fenômenos humanos e atuar na situação terapêutica. Sugere ainda que o gestaltista possa compreender que seus parâmetros, por serem pautados na Fenomenologia, no que emerge a cada momento, são quase sempre vistos como revolucionários,

Por fim, referindo-se à **mal-dição** que afirma inadequadamente que a Gestalt-terapia trabalha apenas com o presente, portanto, com o supérfluo, o superficial, ela afirma:

“Talvez algumas pessoas percebam a Gestalt-terapia como superficial pelo fato dela considerar o aqui-e-agora e isto ser muitíssimo mal compreendido. O terapeuta inicia seu trabalho com o que está à sua frente, o que o cliente lhe mostra, porque é só por isto que se pode começar. Trabalhando o que emerge, possibilita-se ao escondido se mostrar. Integrando estas partes, há um fortalecimento que leva ao que é mais difícil de acessar. Se um médico vai operar o coração de uma pessoa, a cirurgia começa pela pele. Vai se limpando, cortando as camadas, até chegar ao coração. A única porta de entrada que se tem para o profundo é pelo superficial. Eu não consigo entrar no fundo do mar, se não passar pela espuminha”.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS: À busca de des-velar a **mal-dição**

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterapêutica que privilegia a unidade da vida, a vida como unidade. Tendo sido criada por Fritz e Laura Perls, carrega em si muito de cada um, o respeito à multiplicidade, à diferença.

Deixa claro o paradoxo do existir, tanto quanto a dificuldade humana de perceber a vida enquanto transitória e incerta. Há, explicitamente, no bojo da Gestalt-terapia, tanto o apelo à completude quanto a certeza da incapacidade humana por conseguí-la.

Fritz Perls, viajante por escolha e contingência, lança as sementes do seu vivido ao longo das suas viagens. De forma a (se) complementar, aprende e ensina, indo deixar sabedoria onde pensava ir apenas buscá-la. Este andarilho trabalhava artesanalmente na matéria-prima da vida, tendo como pressuposto a confiança daqueles que lhe ouviam. Analisado à luz da concepção de narrador de Benjamin, que defende que o prazer de quem ouve é poder acoplar o seu sentido ao narrado, Fritz não haveria de fundamentar o que narrava, pois não tiraria do outro o gosto da livre interpretação, o poder de inserção de fundamentos próprios do ouvinte. Seguindo ainda esta trilha, é lícito afirmar que tinha ele a sabedoria dos narradores, consciente do reducionismo existente nas explicações.

Entretanto, isto é inegável e esperado, a ausência de explicitação ou esclarecimento, deixando livre o campo da interpretação, gera, naturalmente, compreensões ilimitadas do que é narrado. Das formas de compreensão da Gestalt-terapia, uma nos chega como sendo um **mal-dito**. Certamente nos é óbvia ser esta apenas **uma** das formas de interpretação, permitida e estimulada

pela própria forma de narrar escolhida por Fritz Perls, sendo por nós utilizada para ilustrar nosso pensamento. Diz Naranjo (s. d.):

"A singularidade da Gestalt-terapia não consiste numa teoria da personalidade ou da neurose. Nem sequer, já que se mencionou isto, consiste numa teoria. É uma criação essencialmente não verbal, uma maneira de abordar as pessoas na situação terapêutica, que se desenvolveu através da compreensão da experiência e da intuição, e continua sendo transmitida não verbalmente".

A concepção da Gestalt-terapia como *"nem sendo uma teoria"*, nos causa estranheza, sabedores que somos que *"uma maneira de abordar as pessoas na situação terapêutica"*, necessariamente é respaldada por uma forma de compreensão deste homem no seu sofrimento. Não nos espanta, entretanto, quando a remetemos à afirmativa de Perls (1977):

"A maior parte das psicoterapias está tentando chegar às profundidades mais profundas. Nós procuramos chegar à superfície mais exterior". (p. 33).

A superfície a que ele se refere é aquela que inscreve no corpo as vivências mais profundas, quase nunca dizíveis. Preocupando-se com o óbvio, o aparente, o aqui-e-agora, remete-nos ao homem enquanto ser responsável, não mais com a ilusão do domínio único, nem com a pretensão de ser o centro. A "teia invisível" em que vive este homem é clara para Perls. Não há a quem delegar a nossa parte neste jogo, nem há como acharmo-nos os únicos jogadores. A vida é o próprio jogo e nele as regras existem apenas como garantia ilusória e, paradoxalmente, joga-se em grupo de forma solitária. O ganhar e o perder também são revestidos de **contra-dições**, quase nunca sendo possível distinguí-los.

A idéia da Gestalt-terapia como desprovida de fundamentação teórica consistente, tem como uma das possíveis explicações o repúdio de Perls à Psicanálise (ou, mais exatamente, a Freud). Ao ter seu intento negado, o de contribuir com a teoria freudiana, este parte para atacá-la, acusando seu criador de haver elaborado uma teoria obsoleta e inoperante. A ele era clara a unidade da vida, atribuindo seu pertencimento a uma "outra ordem" que não a da mera intelectualização, do pensar desconectado do sentir, que ele julgava existente na maneira como Freud a compreendia. Era ousado o objetivo da sua prática psicoterápica: transformar pessoas de papel em pessoas reais.

E por estar convencido de que teorizar confundia-se com intelectualizar, e que esta quando desconectada do sentir e do agir era desperdício de vida, Fritz Perls acabou por tender ao inevitável: em não suportar a dicotomia teoria/ prática não apenas já a admitia, como a estava exercendo. Sem se dar conta de que toda compreensão é limitada e limitante, pretendia que sua abordagem terapêutica fosse completa e onipotente. Critica todas as outras psicoterapias por estarem de "mãos dadas" com outras fontes de conhecimento, portanto falhas, perdendo de vista o fato de que a Gestalt-terapia já havia se unido à ausência de teorização, sendo apenas um outro tipo de aliança.

A esse respeito, diz Tellegen (1984):

"Ele era essencialmente um homem de intuição e ação, um perpétuo rebelde em busca de algo em que pudesse acreditar. Como teórico, lhe faltou o fôlego para uma elaboração mais consistente de suas intuições". (p. 33).

À sua falta de fôlego para elaborar teoricamente a Gestalt-terapia, o contraponto de Laura Perls, que brilhantemente reflete e aprofunda esta abordagem.

Fritz afirma a Gestalt-terapia como uma abordagem completa e eficiente, mas o que divulga é apenas um arsenal de técnicas eficazes à conscientização. Mais uma vez evidencia-se sua **contra-dição**, pois, ao tomar partido, desconsidera - ou nos permite pensar que o faz - que:

"Ser psicólogo, independentemente das escolhas teóricas de cada um, implica

em situar-se nos campos da epistemologia e da ética, não sendo jamais um

feixe de habilidades técnicas". (Figueiredo, 1996:118).

O contexto histórico em que viveu Perls justifica a sua pressa em divulgar suas descobertas ao máximo de pessoas no mínimo de tempo. Judeu que era vagou pelo mundo fugindo do Nazismo, sem o engano das certezas. Porém, sua preocupação em rechaçar toda forma teorizante de compreensão da vida, crença sua enquanto **narrador** findou por deixar obscuras suas idéias e conceitos.

Ao referir que a preocupação da Gestalt-terapia é com a "*superfície mais exterior*", ele finda por transparecer uma apologia à prática e um repúdio à teorização. É célebre sua frase "*perca a cabeça e recobre os sentidos*", que, compreendida fora do contexto fenomenológico-existencial, insere sua abordagem no campo das "não profundas", aquelas que têm por objetivo auxiliar o homem na superação dos banais entraves do seu dia-a-dia. Teorização, para

Fritz, era sinônimo de intelectualização ou uso excessivo da mente e desperdício do que fosse corporal ou relacionado aos sentidos.

A dicotomia objetividade/subjetividade, bem como a pretensão de ambas de dar conta da vida e do homem é muito bem exposta por Augras (1981):

“A subjetividade aqui se afirma como única forma de objetividade. Isso não significa que a compreensão do sujeito seja abrangente e definitiva. Pelo contrário, o método afirma que toda compreensão é necessariamente limitada. Por isso falamos insistentemente em compreensão de uma situação dentro de um evento histórico definido. Toda modalidade de compreensão a que se chega denuncia a falência do entendimento anterior. (p. 16)”

E por compreender ser limitada toda forma de compreensão, ao citar o viajante, Benjamin refere-se àquele que opta por conhecer o mundo, escolhendo também o momento de voltar e fixar residência, repassando, agora, o que aprendeu mundo afora, à busca também de trocar conhecimentos que complementem o seu. Porém, Fritz Perls, indo à vida, mais parece tentar fugir de si mesmo. Vai por não suportar ficar.

Em sendo um viajante, importa o que o levou a partir?

Um outro conhecimento, como todo, certamente incompleto, nos é oferecido por Laura, a sedentária, o contraponto. Ficando em casa, responsabiliza-se pela criação e educação dos filhos que teve no casamento com Fritz, e pela Gestalt-terapia, **filha** gerada na união profissional com o marido. A desbravadora que estudou num tempo em que o saber era proibido às mulheres e que lutou sempre por igualdade social, aquieta-se e incorpora o acomodar-se próprio da relação

homem-mundo, aquele que acalma e acalenta, posto que ciente da inevitabilidade do turbilhão.

Artista no seu ofício, esta mulher compreende e busca articular teoricamente a abordagem psicoterápica criada por ela, seu marido e colaboradores, buscando cada vez mais as raízes que a fundamentam e dão sentido. Preocupando-se em explicitar as bases da Gestalt-terapia, segue um outro caminho, valorizando e primando pela descrição. Transitando por veredas outras, torna possível o nosso acesso a uma outra face desta criação.

Considerando Fritz como **viajante** e Laura como **sedentária**, teríamos um momento, onde ele, trazendo o saber das terras longínquas, haveria de juntar-se a ela, agora detentora de um saber aperfeiçoado pelos anos de sedentarismo. Chegando de viagem, Fritz demonstra não haver se aquietado para escutar o que Laura tinha a dizer, nem tampouco contado a ela o que tinha vivido mundo afora. Cada qual, viajante e sedentária, viveu o que achou que era o seu lado, a sua parte. E por sermos herdeiros, nosso papel é ouvir o narrado, continuar o processo, com a compreensão de que a construção não há que se esgotar.

A Gestalt-terapia nos foi narrada. Não havendo, no sentido Benjaminiano, **informações** a receber, partimos à busca do nosso sentido, o que nos permite e instiga o ir adiante, construindo e re-constituindo a herança. Fritz e Laura cumpriram aquilo que se atribuíram como sendo suas tarefas, não havendo sentido em cobranças. Vivendo seus **todos**, nos ensinam a escolher, assumir, fazer. E é esta consciência que agora nos impulsionou e impulsiona a compreender e atualizar a parte – tão árdua quanto prazerosa – que nos pertence deste legado. As trocas já estão sendo feitas. A forma por nós escolhida está sendo a de **dizer** a Gestalt-terapia, transmitindo e explicitando seus conceitos,

encontrando as origens dos **mal-ditos**, considerando, é importante reforçar, que tais **mal-ditos** assim se constituem sob a nossa ótica, de acordo com nossa forma de interpretar a narrativa de Fritz Perls. É o encontro do viajante com o sedentário, na oficina deste último, que, como **herdeiros**, nos sentimos oportunizando com constância, tanto quando discutimos a Gestalt-terapia enquanto transmissores deste conhecimento, como também quando a praticamos na clínica psicológica.

A Gestalt-terapia é uma abordagem corporal. Melhor dizendo, toda abordagem psicoterapêutica é corporal, pois de corpo é feito o homem e no corpo inscreve-se toda sua existência. Carregam, entretanto, estas abordagens, um estigma, posto que ousam adentrar no "perigoso terreno" do corpo, sendo classificadas como ateóricas, frágeis, inconsistentes. A nosso ver, outro **mal-dito**, pois, aos menos avisados, os terapeutas verbais, de forma séria e consistente, tratam das questões humanas mais profundas, enquanto os terapeutas corporais, ousadamente, tocam passivamente os corpos dos seus clientes. Caso assim fosse, estariam, os primeiros privilegiando a mente, os segundos reverenciando o corpo. Todos pretensamente acreditariam estar dando conta da complexidade do homem.

E por estarmos lidando com **herança**, a **re-vista** denuncia que o tempo abre lacunas e abismos que clamam por um olhar, a despeito dos nossos desejos de evitá-los ou ignorá-los.

Em sendo algo construído, qual o objetivo do construtor? Em se herdando algo, o que fazer com o que se recebeu sem haver construído? Havia uma intenção no construtor. Haveria conjuntamente uma expectativa deste que construiu para com aquele que foi presenteado com a sua obra? Teriam os

construtores o direito de exigir que seus **herdeiros** fingissem girar no mesmo ritmo, ignorando o abismo voraz que se abre entre estes e aqueles?

*“Reagimos como se o mundo tivesse de girar no mesmo ritmo, sobre o eixo de sempre, quando, na verdade, um abismo voraz se abriu à nossa frente”.
(Luft, 1991: 87).*

Aparentemente simples e cômodo, o ato de **herdar** nem sempre é visto com os olhos da passividade e da ganância. Agrava-se a questão quando o que se **herda** é algo que escapa aos padrões do que é mais facilmente aceito e considerado no campo de inserção dos herdeiros.

Assim é a **herança** deixada por Fritz e Laura Perls. De uma riqueza inestimável, provoca nos **herdeiros**, simultaneamente, alívio e desconforto, prazer e aflição, por seu percurso incerto, seu chamamento à incerteza da vida.

Trabalhando com os olhos voltados para um só lugar, Fritz e Laura deixam sua marca na construção. Ela, exigente e estudiosa, doa-nos o lastro, o gosto pelo pensar. Ele, ávido por vida, presenteia-nos com a coragem e a ousadia de um agir. O jeito de ser dos dois é repassada à Gestalt-terapia, nos estimulando a imprimir também nossas peculiaridades à então nossa Gestalt-terapia.

Ao tempo em que as idéias apontam, Laura as reflete enquanto Fritz as divulga. Por vezes, parecendo ignorar os mal-entendidos e, conseqüentemente, **mal-ditos**, que pairam sobre a nova abordagem, segue adiante. Por outras,

provocando ele próprio o aparecimento de distorções, aquieta-se para divertir-se com elas.

Ao **pai**, o palco, as luzes, as atenções, mesmo que críticas. À **mãe**, a discrição, a invisibilidade, a busca por um sentido.

A nós, como **herança**, a divergência entre o conteúdo e a forma, entre o mostrar-se e o ocultar-se. A nós, ainda, a confusão entre a utilização do método da abordagem na sua prática clínica e na transmissão do seu conhecimento. Como tarefa pretendida, desfazer a confluência existente entre o criador e a criatura, entre Fritz e *sua* Gestalt-terapia, distinguir o fazer do dizer o que e como se faz. Como legado, eternos questionamentos, inúmeras dúvidas, insegurança e algo grandioso e infinito a executar, tal e qual definiria Fritz: um eterno e constante fluxo, sempre tentado, nunca alcançado.

Herança complexa nos é deixada, Luta árdua e estimulante nossa apropriação.

É possível que este trabalho esteja procurando o fio salvador, através de uma discussão por demais complexa. É nossa intenção, entretanto, **dizer** a Gestalt-terapia, compreender o que são e de onde vêm os **mal-ditos**.

A **herança** nos foi deixada. Parafraseando Veloso (1977) esta pode ser definida como "construção em ruína". Esta Gestalt-terapia que nos ensina que *o que ainda não é, já não é mais*, encoraja-nos a correr o risco de afirmar **mal-dições** referindo as possíveis origens. A opção feita não é a de destruir a Gestalt-terapia, mas de **dizê-la**. Isto, por si só, já é um estímulo. E um alívio.

Explicitando-se os **mal-ditos**, acreditamos estar **dizendo** a Gestalt-terapia.

Isto posto, cria-se uma linguagem comum de suporte a esta abordagem psicoterápica, um dialeto que una os **irmãos**. Explicitando seus **mal-ditos**, buscando razões que nos levem a compreender seu surgimento, auxilia-nos na tarefa de trazer a Gestalt-terapia de volta a um lugar do qual nunca deveria ter saído, qual seja o cenário e o contexto das psicoterapias com referencial teórico consistente e não uma técnica a mais que pode ser facilmente acoplada a outras abordagens psicoterápicas.

Por paradoxal que possa parecer o propósito, faz-se compreendido quando remetido ao que nos atestam Fromm & Miller (in Perls, Hefferline & Goodman, 1997):

“...Contudo, mais de quarenta anos após seu debut, a Gestalt-terapia ainda perambula pelas estradas laterais da Psicologia e da psicoterapia contemporâneas. Quase todo mundo escutou falar, mas poucas pessoas têm alguma noção do que realmente é, mesmo nos grupos profissionais onde se ensina e pratica a psicoterapia.

Muitos fatores, institucionais e culturais, podem estar implicados no ato de impedir a Gestalt-terapia, a despeito de sua promessa original, de tomar um lugar mais significativo na evolução da psicoterapia.

Mas não se pode negar que, quase desde o início, a Gestalt-terapia foi conivente com o enfraquecimento de sua própria voz entre o número crescente de terapias contemporâneas que clamam, tanto pela atenção profissional, quanto pública... (p. 29)”.

É impossível se negar a necessidade de teorização da prática pois, caso contrário, reforçar-se-ia a dicotomia teoria/prática, perdendo-se de vista a relação constitutiva homem-mundo. A Gestalt-terapia é **dita**, pelos seguidores de Fritz, como ateorizante, como nos demonstra Stevens (1976) referindo-se a um livro que escreveu sobre esta abordagem:

“Este livro se refere à consciência ou conscientização (awareness), e como se pode explorá-la, expandi-la e aprofundá-la. A maior parte do livro consiste em experiências que solicitam de você focalizar sua consciência em certas direções e ver o que consegue descobrir... (p. 17)”.

A nós, **herdeiros** que acreditamos na abordagem prática sustentada por uma teoria, **dizer** a Gestalt como atórica, nos aparece como **mal-dição**.

Contamos que nossa tarefa haja sido alcançada, a nossa intenção de *“fazer uma proposta sobre a continuidade de uma estória que neste instante está a se desenrolar”* (Benjamin, 1985:63).

Reiteramos, assumindo o risco de sermos repetitivos que esta é nossa forma de interpretação desta **herança**, visto que:

“O relacionamento psicológico dos fios da ação não é oferecido à força ao leitor. Fica a seu critério interpretar a situação tal como a entende. E, assim, a narrativa alcança uma envergadura ampla (...)”. (id.: 67).

BIBLIOGRAFIA

ACKERMAN, N. *Diagnóstico e Tratamento das Relações Familiares*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1986.

ALMEIDA, F. M. Aconselhamento psicológico numa visão fenomenológico-existencial: cuidar de ser. In: MORATO, H. T. P. (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

AMATUZZI, M. M. *Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica*. In: Estudos de Psicologia, 1996. v. 13. n. 1, 5-10.

ANDOLFI, M; CORIGLIANO, A .M.N. et al. *Por trás da máscara familiar: um novo enfoque em terapia familiar*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1989.

ARENDT, H. *Walter Benjamin: 1892-1940*. In: homens em tempos sombrios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARRIGUCCI JR, D. *Enigma e comentário: escritos sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

AUGRAS, M. *O ser da compreensão*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BACCHI, C. C. A. Supervisão de apoio psicológico: espaço intersubjetivo de formação e capacitação de profissionais de saúde e educação. In: MORATO, H. T. P. (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskow*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v.1), 1936.

_____. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In: A modernidade e os modernos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

- _____. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v. 1).
- BINSWANGER, L. *Três forma de existência malograda*. Tübingen. Niemeyer. 1952.
- BOM MEIHY, J. C. S. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.
- BORDIEU, P. As contradições da herança. In: LINS, D. (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.
- BURROW, O. A. & SCHERP, K. *Gestatpedagogia: um caminho para a escola e a educação*. São Paulo: Summus, 1985.
- CADERNOS NIETZSCHE. São Paulo: [s. ed.], 1997. n. 2.
- CAMPOS, V. F. A. *Mudança e psicoterapia gestaltista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- CANCELLO, L.A.G. *O fio das palavras: um estudo de psicoterapia existencial*. São Paulo. Summus. 1991.
- CARDELLA, B. H. P. *O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica*. São Paulo: Summus, 1994.
- CARDINI, F. *História, história social, história oral, folclore*. In: Psicologia USP. Instituto de Psicologia. São Paulo. v. 4, n. 1-2. p. 319-328. 1993.
- CARVALHO, C. P. C. *Oficina de narrativas: mosaico de experiências*. In: Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1995.
- CIORNAI, S. (Org.). *25 anos depois: gestalt-terapia, psicodrama e terapia neo-reichiana no Brasil*. São Paulo: Agora, 1995.

CRITELLI, D. M. *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: Educa, Brasiliense, 1996.

DELEUZE, G. *Nietzsche*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

EIGUER, A. *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. *A parte maldita da herança* In: A transmissão do psiquismo entre gerações. São Paulo: Unimarco, 1998.

_____. *O parentesco fantasmático*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

_____. (Org.). *A transmissão do psiquismo entre gerações*. São Paulo: Unimarco, 1998.

FAGAN, J., SHEPHERD, I. L. (Org.). *Gestalt-terapia: teoria, técnicas e aplicações*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FEYERBAND, P. *O conhecimento e o papel das teorias*. In: Adeus à razão. São Paulo: Edições 70, 1991.

FIGUEIREDO, L. C. M. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

_____. *Sob o signo da multiplicidade*. Palestra proferida no Conselho Federal de Psicologia: Brasília, 1992.

_____. *Heidegger, língua e fala*. In: Psicanálise e Universidade. n. 3. 1995.

_____. *Investigação em Psicologia clínica*. In: Revisitando as psicologias. [s.l.]: Vozes, 1996.

_____. *Teorias e práticas em Psicologia Clínica: um esforço de interpretação*. In: Revisitando as psicologias. [s. l.]: Vozes, 1996.

- _____. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética nas práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: Educa, Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica: *uma releitura de "Construções em análise"*. In: *Percurso n. 16–1*. 1996.
- _____. *Maldiney e Fédida: derivações heideggerianas na direção da Psicanálise*. In: *Cadernos de subjetividade n. 4*. 1996.
- _____. *Heidegger e a Psicanálise: encontros*. In: *Psicanálise e Universidade. n. 4*. 1996.
- _____. *Questões ontológicas (e pré-ontológicas) na pesquisa dos processos de singularização*. Texto inédito, não publicado.
- _____. *Temporalidade e narratividade nos processos de subjetivação da clínica psicanalítica*. Notas para a palestra proferida no XXVI Congresso Interamericano de Psicologia, 1997.
- FONSECA, A. H. L. *Grupo, fugacidade, ritmo e forma: processo de grupo e facilitação na psicologia humanista*. São Paulo: Agora, 1988.
- GIACOIA JÚNIOR, O. *O conceito de pulsão em Nietzsche*. In: MOURA, A. H. (Org.). *As pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1996.
- GINGER, S., GINGER, A. *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus, 1987.
- HYCNER, R., JACOB, L. *Relação e cura em gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.
- IMBER-BLACK, E. et. al. *Os segredos na família e na terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- JULIANO, J. C. *Gestalt-terapia: revisitando as nossas histórias*. *Revista de Gestalt do Instituto Sedes Sapientiae*, São Paulo: [s. ed.], n. 2, 1992.

- KATZ, D. *Gestaltpsychology: it's nature and significance*. Trad. L. A. Lilienthal. New York: The Ronald Press Company, 1959. cap. 6, 7 e 9.
- LAING, R. D. *O eu dividido*. Petrópolis. Vozes. 1991.
- LATNER, J. *El libro de la terapia gestalt*. Trad. L. A. Lilienthal & M. Hoffmann. México: Editorial Diana, 1978. cap. 1.
- LILIENTHAL, L. A. *Supervisão de apoio psicológico: a Gestaltpedagogia no trabalho com educadores de rua*. In: *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- LIMA FILHO, A. P. *Gestalt e sonhos*. Goiânia: Dimensão, 1993.
- LOFFREDO, A. M. *A cara e o rosto: ensaios sobre gestalt-terapia*. São Paulo: Escuta, 1994.
- LOPEZ, M. A. *Desconstrução: caminho de acesso à análise crítica das práticas psicológicas alternativas*. In: *Coletâneas da ANPEPP*. São Paulo, [s.d].
- LUFT, L. *Reunião de Família*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- LYOTARD, J.F. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MARTON, S. (Org.) Nietzsche: consciente e inconsciente. In: KNOBLOCH, F. *O inconsciente: várias leituras*. [s.l.] Escuta, 1991.
- MEDEIROS, I. (seleção e tradução). *O problema da individuação*.
- MORATO, H. T. P. *Abrindo possibilidades*. In: *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

_____. *Aconselhamento psicológico: uma passagem para a transdisciplinariedade*. In: *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MORATO H. T. P. & SCHMIDT, M. L. S. *Aprendizagem significativa e experiência: um grupo de encontro em instituição acadêmica*. In: *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

MOREIRA, G. P. G. *Esotérico*. In: *Um banda um*. São Paulo: WEA, 1990.

_____. *Quanta*. São Paulo, 1995.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Portugal: Publicações Europa-América, 1990.

NARANJO, C. *La vieja e novissima Gestalt*. Santiago do Chile: Cuatro Vientos, [s.d].

_____. *Gestalt sin fronteras*. Testemonios del legado de Fritz Perls. Buenos Aires: Era Nascente., [s.d].

_____. *La focalizacion en el presente: tecnica, prescripcion e ideal*. Buenos Aires: Amororrtu Editores, [s.d].

_____. *I and thou, here and now: contributions of gestalt-therapy*. In: STEPHENSON F. (ed). *Gestalt therapy primer*. Chicago: Charles Thomas, 1975.

NIETZSCHE, F. *Vida e obra*. São Paulo: Abril, 1983. p. V-XVIII. (Os pensadores).

OAKLANDER, V. *Descobrimos crianças: a abordagem gestáltica em crianças em adolescentes*. São Paulo: Summus, 1980.

PAZ, O. *A identidade cultural dos hispanos*. Estado de S. Paulo. n. 366, ano XIV. p.1-4. 2000.

PEIRCE, C. S. "*Como tornar claras as nossas idéias*". In: *Filosofia e Semiótica*. [s.l.]: Cultrix [s.d.].

PENNA, A. G. *Introdução ao gestaltismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

PERLS, F. S. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

_____. *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus, 1979.

_____. *Gestalt-terapia explicada*. São Paulo: Summus, 1977.

_____. HEFFERLINE, R., GOODMAN, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.

POLSTER, E., POLSTER, M. *Gestalt-terapia integrada*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

QUIVY, R., CAMPENHOUDT, L.V. *Manual de investigação em ciências sociais*. Portugal: Gradiva, 1998.

RIBEIRO, J. P. *Gestalt-terapia: o processo grupal – uma abordagem fenomenológica da teoria de campo holística*. São Paulo: Summus, 1984.

_____. *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus, 1985.

_____. *Teorias e técnicas psicoterápicas*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Gestalt-terapia de curta duração*. São Paulo: Summus, 1999.

RIBEIRO, W. F. R. *Existência ➡ Essência: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais*. São Paulo: Summus, 1998.

- ROLNIK, S. *Subjetividade, ética e cultura nas práticas clínicas*. Reelaboração de uma palestra proferida na mesa-redonda "Psicologia: ética e cultura" no I Congresso Mineiro de Psicologia Universo-Diverso, promovido pelo Conselho Regional de Psicologia 4ª Região: Belo Horizonte, 1995.
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987. (Coleção histórias e idéias).
- SERRES, M. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- SCHMIDT, M. L. S. *O passado, o mundo do outro e o outro mundo: tradição oral e memória coletiva*. In: Imaginário. USP, n. 2. p. 63-88. 1994.
- SILVA, A. P. (Org.). *Novo dicionário brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- STEVENS, B. *Não aprese o rio. Ele corre sozinho*. São Paulo: Summus, 1978.
- STEVENS, J. O. *Tornar-se presente: experimentos de crescimento em gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1976.
- _____. (Org.). *Isto é gestalt*. São Paulo: Summus, 1977. (Coletânea de artigos sobre gestalt-terapia).
- SCHMIDT, M. L. S. *A experiência de psicólogas na comunicação de massa*. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: USP, 1990.
- TELLEGEN, T. A. *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*. São Paulo: Summus, 1984.
- _____. *Textos inéditos não publicados*.
- VAN DEN BERG, J.H. *O paciente psiquiátrico*. São Paulo. Ed. Mestre Jou. 1981.
- VELOSO, C. *Fora da Ordem*. In: Circuladô de fulô. São Paulo: Polygram, 1971.
- YONTEF, G. *Processo, diálogo e awareness*. São Paulo: Summus, 1998.